3 1761 06862565 6

PQ
9697
P47G3
1920

PURCHASED FOR THE

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

FROM THE

CANADA COUNCIL SPECIAL GRANT

FOR

LATIN AMERICAN STUDIES

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/gachadasegac00pi

PIÁ DO SUL

Gaùchadas e Gaùchismos

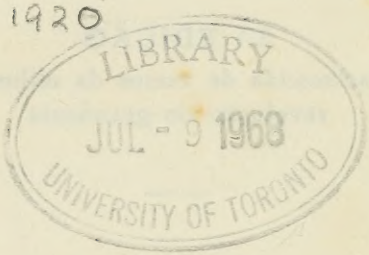
2.ª EDIÇÃO

accrescida de versos da ultima revolução rio-grandense

ILLUSTRADA POR

C. CASTELLS

PQ
9697
P47G3
1920



PREFACIO DA 1.ª EDIÇÃO

Peço aos leitores que não vejam na publicação destes versos uma exhibição poetica, porque poeta não sou. E' uma simples exhibição de *versos*, com a pretensão de dizer que ha mais uma alma, entre as devotadas ao Rio Grande, que vive delle e para elle.

O poeta é um sabio capaz de decompor a alma das cousas para extrahir dellas a poesia, como o chimico a atmosphera para ter os seus corpos simples. Um poeta é isso. Eu não sou mais do que versejador que conta as syllabas nos dedos.

O leitor que quizer saber por que fiz imprimir versos ôcos, que procure entre elles o amor pelo Rio Grande e o orgulho de ser delle.

Quem o achar terá no achado a explicação; e a quem não, deixo a certeza da minha ingenuidade no cultivo de um affecto já fóra de moda, porque morto ha muito tempo, — o amor á gleba.

Que estes versos sejam o peior da alma de qualquer poetastro moderno é bem possivel. Mas, sendo o melhor da minha, na falta de melhores obras com que exalte o Rio Grande, os meus pagos e o gaúcho, vão para elles (de onde vieram) animados da simplicidade de quem ama, e da esperança de agradar.

Si ha nos meus versos alguma poesia, foi haurida

do meu contacto em tempos idos com a gaùchada dos pagos em que nasci, e incitada pela nostalgia que não me deixa, quando não estou nelles. São saudades de uma edade morta e de logares perlustrados, saudades que semeei na infancia e que florescem ainda, graças á humidade das minhas primeiras lagrimas.

E' nesses tempos e nesses logares que enxergo ainda os encantos mais lindos, a mais sublime poesia da vida.

E quem, sendo gaúcho, e mais do que isso, campeiro, como fui, não sentiu trescalar de cada canto do Rio Grande, da sua terra, do seu céu, e até da vida dos seus animaes, uma attracção indizivel, que é a sua poesia inherente?

Sirvam estes versos de noticia della aos verdadeiros poetas, áquelles que a ignoram, mas que são capazes de cantal-a si buscarem os seus effluvios, por isso que são poetas, alliam á faculdade de sentir a destreza no dizer.

* *
*

Outro fim é render homenagem, pela concurrencia do esforço aos que, da minha gleba, se empenham em perpetuar o que vive na alma dos campeiros e que ia morrendo com elles.

Afinal era tempo de salvar do apagamento un acervo de encantos que foi o motivo de vida de muitas gerações, — os elementos diversos do ser gaúcho que, si não é uma epopéa no que tem de luctas titanicas contra os inimigos da Patria commum, para que o Norte

pudesse vencer a terra insubmissa dos sertões e o resto dos brasileiros pudesse definir e dominar a immensidade do Brasil, para que, emfim, o Brasil pudesse chegar a ser o que é, si não é uma epopéa nisso, é, ao menos, alguma cousa que merece a posteridade.

Mas essa obra não pode ser trabalhada sinão com os instrumentos que nos deixaram os antepassados, as peculiaridades da sua linguagem, as expressões que lhes nasceram da alma, porque só ellas podem dizer o que é della, o que sea della, e o que vae a ella.

E em valer-se delles está a originalidade das "Ruinas-Vivas'" e da "Tapera", que são os phanaes dessa cruzada em formação no Rio Grande do Sul — o culto do Rio Grande pelas artes, sobretudo pelas letras, o *gaùchismo,* convergindo no *vernaculismo.*

Digo que está em formação no Rio Grande do Sul, para gryphar o contraste entre a sua literatura e as do lado de lá do Aceguá e do Uruguai.

Tanto na Republica Oriental, patria de Elias Regules, o sublime inspirado das cochilhas, como na Argentina, o *gaùchismo* é já uma literatura.

Aí, porém, não exigiu esforços costa a cima, porque na vida gaúcha se resume a vida nacional dessas Republicas; enquanto que o Rio Grande, sendo uma insignificancia no todo brasileiro, deve soffrer o peso delle, e acceitar o conseqùente retardamento dos seus surtos de originalidade em favor das instituições communs e da identidade do destino historico, que temos tido e devemos ter sempre, por instincto de conservação, em reconhescimento ao passado, e por amor á grande Patria.

As forças emancipadoras locaes cederam o passo á unidade nacional; e com isto ganhamos enormemente. Não temos uma literatura, mas temos a Patria Brasileira.

Alcides Maya, o corypheu dos *gaùchistas,* surge definindo o *guasca* somente meio seculo depois de definido o *matuto,* o *sertanejo,* que tem sido o typo do povo brasileiro, porque é o resumo da maioria delle.

E' justo que nós, em minoria, viessemos depois.

Assim, não pudemos confirmar a nossa entidade, por mais essa feição caracteristica, sinão ha poucos annos.

E bemdicta seja ella que, definindo-nos, não é de molde a nos expor á desconfiança dos nossos irmãos federados, e muito menos á sua malquerença, como, en geral, são as manifestações politicas em destom no concerto nacional!

Ao contrario, ha-de contribuir para a formação de futura lingua brasileira, architectada e construida com material brasileiro, *federativamente,* si quizer o leitor, á qual já deram feições proprias, linhas e contornos estheticos, a altiloqùencia de Ruy Barbosa e o scienticismo literario de Euclydes da Cunha.

Certo — *O Brasil pelo Brasil para o Mundo* — é um ideal de acendrado patriotismo, não só na Politica, na Sciencia, e na Economia, como na Literatura. Pois bem, no Rio Grande do Sul ha tambem um ideal que não desdoura a quem o visa, um ideal de *brasileirismo riograndense: — O Rio Grande pelo Rio Grande para o Brasil —.*

Tão digno quanto o outro, é apenas menor; por isto animo-me a fazel-o meu.

*
* *

Eis como vejo as cousas literarias do Brasil, e o logar do Rio Grande entre ellas.

E, como penso que a porta está aberta, e traçado o caminho para o *gaùchismo,* a que assiste o direito a um logar ao lado do *sertanismo,* tão diffundido já, e tão influente na direcção da philologia brasileira, valido do meu passado gaúcho e do amor aos meus pagos, animei-me a sair por ella e a marchar por elle, nas pegadas daquelles que a abriram e o traçaram.

Os gaúchos dos meus pagos que digam se lhes falei á alma; e os *vaqueanos* da cruzada em que me alisto se apprendi o atalho que ensinam neste rincão das letras patrias.

Si me perdi, farei, como bom campeiro, a unica cousa que ensina a *vaquia* de quem sabe viajar de noite e perde a estrella: — acampar onde estiver, á espera do sol, do dia, da luz.

Piá do Sul.

PREFACIO DA 2.ª EDIÇÃO

O bom acolhimento da primeira edição deste livro deu-me asas para tentar a sorte da segunda e estímulo para corresponder mais exactamente áquelles que apprehenderam os meus intuitos e com agradavel benevolencia se manifestaram pela imprensa ou por epistolas que guardo como louros.

Repito que não é a poesia mesma da minha poetica Provincia natal o que exhibi na primeira publicação e accresce nesta; mas a muito ingenua e bem intencionada indicação das castalias rio-grandenses de que ella verte, as mais das vezes crystallina, impolluta e fresca, como a lympha dos nossos olhos d'agua e cacimbas, escancarados entre pedras, á sombra de vimes e camboatás, sob a fragrancia dos espinilhos, com a virgindade primitiva que o recesso guarda e defende, e apenas o terno bico da saracura viola e desfructa.

Desta vez, pórem, fiz o empenho de supprir as deficiencias do texto com a plastica incomparavel dos pennejados do illustrador. As illustrações do senhor Carlos Castells, que, pela luz projectada sobre os melhores passos do livro, são verdadeiras illuminuras notaveis desde já pela expressão, movimentação, e realidade em flagrante surprenhendida e apanhada por quem a bebeu no primeiro leite e perlustrou muitos

rincões gaúchos, guardando n'alma todas as minucias campeiras, estas illustrações farão entender melhor o sentido que os versos não conseguem sinão subentender nas vaguezas da imaginação. O leitor, attentando sobre ellas, verá que não ha exaggero na voga deste desenhista oriental en ambos os países do Prata. Neste momento não ha quem se lhe avantage nesta especialidade dos dominios artisticos cisplatinos e transplatinos. Mui longe correm já as suas interpretações gaùchescas, como as de especialita unico no genero, e, talvez, nunca e jamais ultrapassadas por nehum outro, decandentes como estão os costumes tradicionaes, sob a vaga da evolução dos habitos em geral e da indumentaria particularmente, que aos guascas emprestava todo o pictoresco local, dando-lhes á alma reflexos da imponencia e da galhardia do panejamento antigo. E, si os guascas authenticos vão se sumindo na memoria, ou existem só nas reminiscencias da infancia de quem hoje anda pela media edade, como o proprio Sr. Castells quem ainda chegou a ver muitos e foi um dos tantos, mais difficil será gerar intérpretes desse meio já transformado, que operem "ex natura", originalmente, e não copiem o que por outrem já fôra feito.

Com o tempo o Sr. Castells será um dos mais visados alvos de retrospecção e referencia.

E' facil de comprehender que o meu livro ganhe com a collaboração deste illustre artista do lapis e das linhas fugazes, e mais do que o livro, os curiosos e amadores das cousas gaúchas que são tambem as do Rio Grande do Sul, e, por que não? as do proprio

Brasil de que esta Provincia é um dos pedaços mais necessarios e dos membros mais influentes.

Aos brasileiros em geral e aos rio-grandenses em particular apresento pois, o Sr. Carlos Castells quem, collaborando commigo nesta fronteira, onde se soldam as terras, se fundem os homens e se mesclam os idiomas do Brasil e do Uruguay, revela a intenção de corroborar a humanitaria obra de americanismo intellectual, ora em pleno surto inicial.

Tão bem amparado, não me restam duvidas nem apprehensôes quanto á sorte desta edição dos meus bisonhos versos

* *
*

A ultima revolução rio-grandense, em cujas fileiras militei o tempo bastante para reviver commoções da adolescencia, deu-me aso de augmentar o numero de paginas com varias contribuições inspiradas *in loco*, escriptas sobre a carona, no abrigo dos capões, dos barrancos, das covas de touro, quando não á luz dos fogões, sob o tecto infinito do firmamento, ou no lombo embalante do cavallo ao tranco. A maior parte dellas vão sob o titulo "Chimangadas", inspirado na finalidade do nosso movimento contra Antonio Chimango, e como preito á memoria do grande poeta Amaro Juvenal, cuja viola soará melodiosamente en quanto os rio-grandenses forem gaúchos. Para o mesmo capitulo passei o poema intitulado "Mal Comparando", a que dei maior amplitude de acôrdo com

o desdobramento dos successos historicos do Rio Grande, que continua a ser o indomavel aporreado Zaino Malacara. Faltava mencionar as campanhas democratica e a recente libertadora, cujos corypheus com suas personalidades, como os passados chefes riograndenses, conseguiram empolgar o Estado e sentar-se sobre o Zaino.

* *
*

É possivel que algum leitor tope com exquisitas graphias de certas palavras. Quando não forem erros de impressão, o que á intelligencia e boa vontade do leitor logo se evidenciará, são orthographias pessoaes, em conseqùencia da liberdade em que está quem escreve português, por falta de ordem e regras no assumpto e por me repugnar a phónica, orthographias que fui buscar nas fontes da lingua com a etymologia por base, a bem de ter amparo solido e segura orientação, acima das inspirações arbitrarias de uns e das pretensões injustificaveis de outros. Dessas investigações e regras, para mim colligidas, consegui encher muitas paginas que em breve darei á luz.

Piá do Sul.

VISÕES DO CAMPO

XV

Nenhum som se compara ao da lingua materna
ouvida em terra alheia entre gente extrangeira.
A patria nos possue como uma onda eterna.
Todo outro amor humano é tenção passageira.

Mas o som que prefiro, o som que mais me agrada,
é nos pagos do sul o grito do pampeiro,
e o choro do violão nas noites de invernada,
ao lume do fogão, no rancho do tropeiro.

XXII

No mais fundo de mim dorme uma melodia,
cadencia languorosa e toada plangente.
No rancho de um tropeiro ouvi cantal-a um dia,
quando tornei a ver meu pago e minha gente.

Os cavallos á soga erravam na espessura,
a agua do chimarrão fervia na chaleira.
Meu coração contente aspirava a doçura,
a bondade e o calor da patria hospitaleira.

Alberto Ramos ("Elegias e Epigrammas").

O GAÚCHO

A marca que o homem traz, o cunho mais honroso,
E' n'alma a imagem ter do seu país glorioso.
Os riscos que a floresta emmaranhada encobre
Dão perspicacia e tino ao sertanejo pobre.

E' pio o montanhês, porque o monte alteroso
Lhe está monstrando sempre o Todo Poderoso.
O gaúcho do lhano é sobranceiro, e nobre.
Dono da vastidão que o seu olhar descobre,

Tem por prazer andar, vencer leguas por louros;
Sempre foi domador de potros e de touros;
E até nem pensa que haja entes que não se domem!

Como não pensará dominar tambem o homem,
Si, ao surgir, a cavallo, em cima da cochilha.
A propria terra o faz senhor porque se humilha?

O RETIRANTE

A gaita matou a viola,
O phosph'ro matou o isqueiro,
A bombacha o chiripá,
O lavrador o campeiro.

J. Cesimbra Jacques.

Lá surge, na cochilha, o porte adulto
Do garboso gaúcho, a trote largo;
Nas canhadas se esconde, sem embargo
As lombas vão-lhe, ao longe, erguendo o vulto.

Olhando os campos de hoje, o pampa culto,
Retalhos vê do lavrador ao cargo.
Já não lhe chega... E um pesar amargo
Infunde-lhe o progresso qual insulto.

Aonde vae esse amargurado guasca,
Surdo, alheio aos gemidos do lombilho
E ás queixas do bagoal que a espora rasca?

Vae desertando os pagos de onde é filho,
Em busca de outros onde ha campo aberto,
Onde não haja gringos... mais deserto.

MEUS PAGOS

Existe uma cidade encantadora
Na concha da canhada reclinada,
Esquiva do Pampeiro, aconchegada
Contra a beira do Cerro protectora.

Mirando o Norte, pelo sol coroada
"Rainha da Campanha", seductora
Impera, sendo tímida pastora
No meio dos rodeios acanhada.

E' mãe de illustres filhos, mãe de heroes,
Tem um diadema verde de cochilhas,
E um manto real de occasos e arreboes.

E' o povo que ao gaúcho acena, e ri
Na graça e na belleza de suas filhas,
—E' Bagé, a cidade em que nasci.

A DILIGENCIA

Envolto em poeira surge a rumo da parada
O carro medieval. Sobre o rodado forte
Matraca, e ginga, e calca, imponente no porte,
A carruagem veloz que marcha á disparada.

Cuidoso o maioral vae-lhe guardando a sorte
No tenteio da redea, a guasquear a potrada;
E o quarteador vaqueano, ajeitando-a na estrada,
Gambeteia, persegue as leguas, dá-lhe o norte.

Passageiros, jornaes e cartas têm ingresso
Onde ella se introduz, tal qual locomotiva,
Deixando no seu rastro a pista do progresso.

E, nos ermos rincões reconditos do pampa,
A diligencia deixa, á feição primitiva,
A civilização que leva em tosca estampa.

A COMITIVA

A comitiva de gaúchos passa,
De soturna apparencia e sobranceira,
Levantando, na estrada, polvadeira,
Como tições em nuvens de fumaça.

Por quebrar o mormaço da soalheira
E a dor da nostalgia que os trespassa,
De quando em quando um trago de cachaça...
São de outros pagos, gente forasteira.

Trazem n'alma o silencio do deserto,
E chegar de uma vez levam por fito.
Agora vão cortando campo aberto,

Cavalhada por deante, a trotezito,
Pelo rumo do atalho, que é mais perto,
E assim desapparecem no infinito.

A CHINOCA

Qando ella passa airosa, mas modesta,
Com seu ar de donzella confessado ,
Pela expresão do olhar no chão cravado,
Pelo rubor das faces e da testa,

Rubor que lhe pintou em cada lado
Com seus beijos de luz o sol da sesta,
Descobre-se-lhe n' alma o tom de festa
De quem não pensa o mal e ao bem é dado.

Quem dirá, vendo- a timida, a Chinoca,
Essa pudica filha do campeiro,
Arisca no seu rancho, na sua toca,

Que ella agùenta o rigor dos nossos soes,
Que não treme aos insultos do Pampeiro,
E que se faz um dia mãe de heroes!

A TAPERA (1)

Entre los pastos tirada,
Como una prenda perdida,
En el silencio escondida,
Como caricia robada.
. . . . . .
. . . . . .

Elias Regules.

Esparsas na quebrada as ruinas da tapera,
Sob a sombra do ombú, sob o pasto macio,
Jazem, como carcassa amortalhada de hera,
Bem mesmo no logar onde o rancho existiu.

São vestigios de alguem que d'alli se sumiu
Legando áquelle pago o nome que hoje impera,
Áquella solidão mais um logar vazio,
E ao campo a cicatriz dos vallos que fizera.

Ao mormaço do sol, quando o vento socega,
Na prega da canhada, occulta em soledades,
Sob as nuvens — docel que o céu em cima pega —

Paternalmente o pampa acalenta as saudades
Que o coração encontra em ninhos de macega,
E o passado enjeitou nesse berço ás edades.

---

(1) Tapera onde nasceu Gaspar Silveira Martins, sita algunas quadras além da linha divisoria com a Rep. do Uruguay.

O VETERANO

Contra a luz do fogão que alumia a ramada
Com lampejos de fogo, ephemeros, ligeiros,
Enquanto o gallo canta e cantam os tropeiros,
Ante as barras do dia, ao clarão da alvorada,

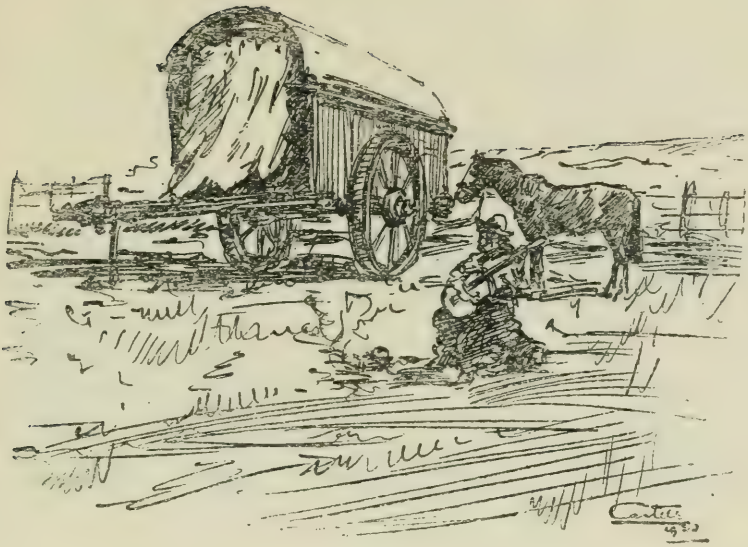
O indio velho repassa os seus casos guerreiros,
Que já brotam sem côr da memoria cansada,
Como os mates que toma em herva galopeada.
Não se recorda bem... Mas... em Monte-Caceiros,

E em Paysandú, ficou extendido no chão..
Por guapo, em Tuiutí, promovido de posto...

. . . . . .

E, quando nasce o sol, farto de chimarrão

O veterano surge ostentando uma escara,
Larga como uma estrada entre as rugas do rosto,
Onde a gloria acampou sublimando-lhe a cara.



O TROVADOR DO PAMPA

Habita a estrada real, o pago que lhe resta,
Desde que é carreteiro e pelos ermos rola;
Á sombra da carreta, á sombra que consola
Das reverberações do claro sol da sesta,

Vive o dia acampado. Arisco ao ar de festa
Do resplendor do céu, contra os rincões se isola,
Todos passam, só elle em peludos se atola;
Marcham todos de dia, elle á noite modesta.

Assim, logo que alvoja a lua pela geada,
Que o campo inteiro cobre, e os bois quebram na pata.
Elle levanta o pouso entoando infinda toada.

E sobre o frio alvor, como sobre um lençol,
O gado ruminando escuta a serenata
Desse amigo da lua, inimigo do sol.

PASSO A PASSO

Rechina, chia, guincha o eixo da carreta
No repecho da estrada, entre sangas e cardos;
Geme em baixo da carga enorme de seus fardos,
Enquanto cada roda escarva uma sargeta.

A prego de guilhada, agudo como os dardos,
E' que marcham os bois, e mostram a silhueta
De fabulosa lesma, arrastando em gambeta
O caramujo immenso, a passos lerdos, tardos.

Toda a campanha vive á custa do seu ventre,
Que tambem surte o povo á custa da campanha,
Quer á cidade vá, quer pelo pampa entre.

Por isso vão e vêm, povoando a estrada real,
As carretas de bois, que o destino arrebanha,
Com fructos do país, num vagar sem egual.

OS MESTRES DA PELEIA

Na beira do rodeio o touro chucro berra
Escarvando uma cova, escalavrando a terra.
Ante esse desafio atrevido ao combate,
Logo outro touro vem, ruge, escarva, e se bate.

Retumba, echôa, e choque entre os touros em guerra;
Cruzam-se as guampas, e uma após outra se enterra
Entre os musculos de aço afeitos ao rebate,
Uma, outra, outra, outra vez, até real desempate.

Como recordação dessa briga de morte,
Em que triumpha sempre aquelle que é mais forte,
No chão trilhado fica o rasto da disputa,

Nas quebradas reboando os encontros da lucta,
E aos gaúchos d'alli, que a lembram volta e meia.
Uma viva licção dos mestres da peleia.

O PAMPEIRO

A nuvem sobe cheia de negror,
Esconde o sol e deixa em sombra a terra.
O vento chega, zune, ulula... horror!
Pávido á propria fibra o ser se aterra.

Vem varrendo a cochilha, a varzea, a serra,
Traz arvores pelo ar, tectos, fragor
De carga, de tropel, de trom de guerra.
Os homens se recolhem de temor.

Os caules desgrenhados como mastros,
Vergam sob o chicote das rajadas,
E a natureza roja-se de rastros.

Prostram-se as chucras rêses e as manadas,
A vida se prosterna em desalentos,
Quando passa o rei barbaro dos ventos.

O FOGO SAGRADO

Ha dous seculos já que o fogão alumia
O rancho de torrão, a casa do posteiro,
O acampamento, o pouso, o galpão do estancieiro,
Quer succedendo o sol, quer precedendo o dia.

A' luz da labareda, ao calor do braseiro,
Onde se assa o churrasco e a chaleira chia,
Como deante do altar de onde a vida irradia,
E' que o guasca communga em seu rito campeiro.

Pharol de noite acceso ao vaqueano sem rumo,
O seu fogo sagrado incensa o céu azul,
Quando acceso de dia, elevando o seu fumo.

E as sombras que elle agita em macabro bailado,
São as das gerações do Rio Grande do Sul
Agachadas em torno, adorando o passado.

O REI DO PAGO

Eil-o em riba do basto, assim que o potro encilha,
Esperando o corcovo, a rodada, o amago...
Agora, arrebatado a rumo incerto e vago,
Correndo a espora vae da paleta á virilha...

E' o domador gaúcho, o rei de todo o pago,
Que tem por sceptro o relho e por throno a cochilha,
Cujo nome se diz ante cada tropilha
Que arrocinou, domou, á força ou com afago.

Não lhe digam, porém, que é só cravar a espora,
Guasquear e ginetear, e que isto é que é domar.
Não; que o bom domador o seu bagoal adora;

No primeiro galope é mau como inimigo,
Depois, com terno jeito e suave manuncear,
Do animal que era chucro elle faz seu amigo.

ARTE GAÚCHA

Trançado em couro cru, para aguente e repuxo,
O laço que aos tirões domina o touro alçado,
E nos tentos amima o bagoal aperado,
Tem qualquer cousa egual ao coração gaúcho:

—Nos pealos de cucharra e pealos de bolcado,
Em que acertar é gôzo e derrubar é luxo,
Como bala que sae zunindo do cartucho,
Leva o prazer da força, aos golpes revelado.

E, quando vae pelo ar fazendo uma espiral,
Que aos poucos se desfaz, e se espicha e se alinha
Da argola da cedeira ás guampas do animal,

Manifestação de arte, esse tiro de laço
Desenha mais um traço, uma rasgada linha
Da grande alma gaúcha esboçada no espaço.

O TROPEIRO

Costuma conduzir á morte gado alheio,
Cantando pela estrada um estilo dolente,
Ao compasso que dão as guampas, lentamente,
E as patas da boiada, ao passo, em pastoreio.

No tranco do matungo elle vence paciente
A distancia que vem da xarqueada ao rodeio,
E vence a chuva, o somno, o sol, o passo cheio;
E' superior ao tempo... a tudo indifferente.

Parece a incarnação maldicta do destino
Rumbeando, da culatra, a querencia da morte,
Enquanto canta em tons monotonos de sino!

Mas, quando o gado é seu de marca e de signal,
Tem ganas de voltar, e de cambiar de sorte,
Nem a matança vé, porque lhe senta mal!

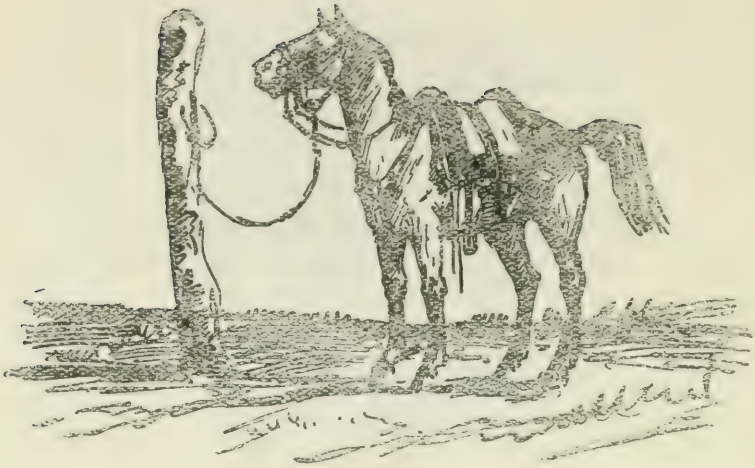
O MEU EMBLEMA

Dous forneiros casados, no salgueiro,
Fazem seu ninho de argamassa dura ;
Aquelle aperta o barro, este o procura,
E vão e vêm no afan do dia inteiro.

Quando se avistam, qual mais prazenteiro,
Batem asas e cantam de ternura,
Retribuindo-se trinos de ventura,
Por melhor festejar o companheiro.

Eu sou como o forneiro desse ninho:
Arranchado no passo do Carancho,
Sob a figueira, á beira do caminho,

Trabalho aí cantado amor, mui ancho,
E, commigo, uma china de carinho.
Sou como o joão-de-barro no meu rancho.



AMOR E ADORAÇÃO

Amo-te assim, meu flete, aperado de prata,
Como outr'ora o corcel de um cavalleiro rei,
Porque me dás um que de altivo aristocrata,
Senhor da liberdade, escravo só da lei.

Amo-te, sim, porque no teu andar gozei
Das delicias do pago, onde a existencia é grata:
—A solidão do pampa, os rincões que habitei,
A vastidão sem fim que o teu olhar retrata.

Adoro-te, porque és um symbolo de glorias,
Porque o teu rastro vem dos campos das victorias
Aonde levaste os meus no teu lombo seguro.

Adoro-te, porque serás o pedestal
Do vulto de gaúcho erguido como ideal
Ante a imaginação dos homens do futuro!

E' MYSTERIO!

Ao pôr do sol, no fim dos dias calmos, quando
A sombra cresce e vae cobrindo a natureza,
Quando os passaros vão buscando o pouso em bando,
E sobre o campo cae o manto da tristeza,

Uma ponta de gado alli da redondeza
Ao sangue da carneada acerca-se berrando,
E se prostra em redor, na atitude da reza,
E chora num berrar que ao longe vae echoando.

Senhor, que quer dizer esse côro funereo?
E' dor, é religião, saudade, culto, amor?
Até hoje ninguem revelou... E' mysterio!

Caso é que sempre allí, nos instantes de occaso,
Vem o gado berrar, com accentos de dôr,
Sobre os restos da rês que morreu... Este é o caso!

O OMBÚ

Avore amiga, tens um que de extraordinario,
Não ha quem te contemple o vulto solitario
Sem que lhe aflore n'alma intermina tristeza.

Waldomiro F. Ferreira.

N'uma cochilha avultando
Vive certo ombú frondoso,
Ha cem annos convidando
Os viajantes ao repouso.

O ombú nasceu na amplidão,
Fez-se filho do deserto,
Esposando a solidão
Chamou a vida p'ra perto.

O ombú fala de tristeza;
Mas sem a copa sombria
Com que brinda á redondeza,
Não ha no campo alegria.

Não ha raio sem clarão,
Carniça sem urubú,
Saudade sem coração
Nem tapera sem ombú.

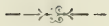
Com seus galhos, como braços,
O ombú dá sombra á cochilha,
Com as raizes abraços,
Como si fosse sua filha.

—O ombú não presta p'ra nada—
Diz um antigo rifão.
E a sombra tão apreciada
Que até o rancho as folhas dão?

Quando o gaúcho que o planta
Morre, se muda, ou se some,
O ombú fica, arvore santa,
Muitas vezes com seu nome.

Não o faça abandonado
Um ombú que está sozinho,
Pois nos seus galhos pousado
Nunca falta um passarinho.

Cheios de rugas e nós,
Cheios os galhos de ninhos,
Os ombús lembram avós
Abraçando os seus netinhos.



O PALLA

Trajando o palla o guasca se reveste
Da imponencia de um rei;
É quando o palla veste
Que parece o monarcha das cochilhas
A repontar touradas e tropilhas.
Tem que pensar que é grande um domador.
E esse incásico trapo que inda resta
O faz á terra, ao homem superior.

Em repouso, arrolhado sobre os hombros
Robustos do campeiro,
As pregas verticaes que tem o palla
Da golla ás franjas
Caídas á vontade,
Como as folhas da copa do salgueiro,
Lhe emprestam linhas á postura,
Dão-lhe a serenidade
Que a Palas, deus da paz,
Os gregos deram na esculptura.

Chega o verão? elle é consôlo
Para o mormaço da soalheira,
E refrigera o corpo do criôlo
Destes pagos de sol ardente,
No curso das troteadas,
Por entre a polvadeira
Das infindas estradas.

O hinverno vem? o palla é agasalho,
Fôrro do poncho de panno,
Dá calor de fogão
N'uma noite de geada
Ao relento passada;
Vale um trago de canna,
Porque quebra o ferrão
Agudo e frio da lichiguana.

Quantas vezes sob o palla
Que lhe cobre a cabeça,

Dorme e sonha o gaúcho,
Sonhos que nada eguala:
—Ouro ganho no truco
Com flor de trumpho,
Desafios e alli nomais retruco,
Victorias, cargas, lanças, sangue, bala,
E amores saboreados
Ao calor desse pallio de triumpho.

Avulta de mais longe o guasca,
Si de palla apparece,
E parece mais forte,
Quando célere investe,
Por espalhafatoso,
O seu másculo porte.
Sempre que o vê surgir,
O horizonte recua pávido,
Deante do vulto intrepido e veloz
Do campeiro audacioso,
Como a fugir
De temerario algoz,
De quem forçando a linha extrema vem,
Consumindo a distancia,
As leguas todas que ha por toda a estancia,
Descortinando, revelando o além.

O palla é uma bandeira de victoria
No proprio corpo hasteada,
Que de combates fala,
Com acenos á gloria,

Ufanamente desfraldada
Aos ventos da campanha,
Que o pampeiro sacode e a brisa embala.
Della vestido,
Para a vida ou a morte,
O guasca vae por toda parte,
Ao tranco, ao trote, em carga,
Nos dias de ventura ou de má sorte,
Sempre envolvido
Nas pregas do estandarte.

Ora fustiga a frente e estala
Nas orelhas do flete, como látego;
É que o Minuano agita o palla
Incitando a marchar,
Ir para deante,
O centauro que estaca na cochilha
Fitando algo distante.
Quem nasceu para ser campeiro
Não lhe é dado parar,
Tal como andante cavalleiro.

Ora o vento se embolsa,
E o manto gaùchesco é vela
Que impelle a continuar,
Ao sopro das rajadas da procella.
E o gaúcho lá vae de palla ao vento,
Sumido nas canhadas um momento,
Para surdir nas lombas, nas cochilhas,
Ondas de irado mar

Que se immobiliazaram
Com o guasca no lombo a ginetear,
Em busca de querencias, de manadas,
De gado, de tropilhas.
Ora o palla se extende
Em braçadas no espaço,
Em pontas que desprende
Buscando mais velocidade;
São as asas do pégaso que vôa,
Mergulha na profunda immensidade.

Ora o Pampeiro arroja para os lados
Linguas que lambem o ar,
E do gaúcho envolvem a pessôa,
Em diabolico jogo;

São as franjas do palla
Que se agitam á tôa,
Labaredas do incendio da carreira,
Como si a alma gaúcha fosse fôgo
Que andasse a chamejar,
Ou fosse o flete errante pyra,
Fantastica fogueira
Que a vertigem accende,
E o vulto do campeiro invade,
Fogueira em que se atira
Elle mesmo votado
Em holocausto á liberdade.

Quando, porém, o leva solto,
E dos hombros as franjas vão pendentes,
Cuidado o palla, então;
Em torno da cintura faz a noite,
Para que o ferro do facão se acoute.
Então, na tempestade da peleia,
Como á luz de uma estrella o brilho d'agua,
Como faisca de fogão na treva,
Como a presa da escura fauce
De uma fera, tal qual corisco,
O ferro do facão relampagueia
Cada vez que o gaúcho pega um prisco;
E o palla em cima do hombro se amontoa,
Qual nuvem de tormenta
Rasgada pelo raio,
Quando o trovão reboa.

A FIGUEIRA DO MATTO

Na sesmaria em que vivo
Uma figueira do matto
Aconchega e agasalha
O meu rancho de posteiro
De torrão, fôrro de palha.
Não ha mãe mais extremosa,
Que proteja mais o filho;
Abre o manto de folhagem
Pelos lados do sol forte,
E o defende carinhosa
Contra os calores do Norte;
Cobre-o de sombra co'a copa
E co'os galhos dá-lhe abraços,
Mesmo contra o coração.

É como si a natureza
Vestisse o meu tosco rancho
De um palla feito de folhas,
Na ardentia do verão.
Tem os braços desmedidos
Em busca do que abraçar
E do que pede frescura,
Para os lados extendidos,
Por baixo, bem ao alcance
De qualquer mão cariciosa.
São canchas da travessura
Da gurizada do rancho,
E as travessas onde engancho
As pontas da minha rêde,
Onde sesteio amacado
Nas horas de sol e sêde.
Desde o nascer da alvorada
Ella começa a falar
Na voz alegre das aves
Que cantam a luz do dia,
E me fazem despertar
Trocando um sonho por outro,
O sonho da fantasia
Pelo da felicidade
Que é viver por estes pagos
Em baixo desta figueira.
Viveiro de passarinhos,
Sem grades e sem limites,
Sempre povoada de ninhos
Que se embalam nos teus ramos,

Cheia de licções de amor
E de alegrias da vida,
Assim te vê teu cantor,
Durante as horas de sol,
Minha figueira querida.
E, quando a noite escurece,
Antes da lua saír,
A figueira até parece
Mais escura do que a noite;
E só deixa as aberturas,
Rasgando olhaes na folhagem,
P'ra que passem as estrellas
Accesas lá nas alturas,
E de cá possamos vêl-as.
A minha figueira boa
Reúne em baixo de si
Uma criação inteira,
Uma criação escrava,
Da doçura da fructinha
Que produz minha figueira,
E cae de cima dos ramos,
Como do céu o maná,
P'ra cibo das avesinhas
P'ra sustento do cardial,
Do cardial da melodia
Encantadora dos ares,
Que faz sentir que a ventura
Está na melancholia
Das horas crepusculares.
Figueira da minha vida,

Berço da minha familia,
Nestes pagos todos sabem
Que és a madrinha da estancia
Baptizada com teu nome,
Que esta redondeza inteira,
E que meu rancho tambem,
Mais esta verde cochilha,
De onde se enxerga a distancia,
Têm o nome de Figueira.

CHIMANGADAS

MAL COMPARANDO...[1]

(Poema histórico gaùchesco)

I

Esse matungo *Zaino Malacara,*
Outr'ora bom de pata, ganhador
De changa nas carreiras, corredor
Como avestruz acuado que dispara,
Esse pingo velhaco que volteara,
Em tempo de bagoal, o domador,

II

Nasceu para viver no descampado,
Sem mattos, sem arames e sem montes
Que cortem a amplidão dos horizontes;
Onde o céu roça a terra namorado,
Pela distancia unido, remirado
No olho-d'agua, nas sangas e nas fontes;

III

Onde é a propria terra um céu aberto,
Uma cancha alinhada aos quatro ventos
Para a penca veloz dos movimentos;
Onde se enxerga o fim das leguas perto,
Como a linda miragem no deserto
Que ao viajor dá mais força, mais alentos.

(1) V. as interpretações deste poema metaphorico á pag. 18.

IV

Numa querencia dessas foi parido,
E cresceu retoiçando na cochilha,
Alvorotando o gado e a tropilha.
Na hinvernada vizinha era mettido,
Mas sempre do seu dono protegido,
Como o filho mais novo da familia.

V

A Tropilha era grande, pois contava,
Além da *Egua-Madrinha* e do *Potranco*,
Dezenove matungos, cujo tranco
Em retoiço e tropel se transformava
Ante a sanha do *Potro* que ponteava,
Levando tudo a tranco e a barranco.

VI

Era a cousa mais linda que se via,
Quando elle atropelava a immensidade
De cola no ar, sem redeas, á vontade;
E, presas no pescoço que se erguia,
As crinas balanceando á ventania,
Assim como o pendão da liberdade!

VII

Neste andar foi-se o tempo de mamão;
E o bruto chegou mesmo a ter colmilho,
E uma cara maleva de zorrilho.
Chamando o capataz o dono, então,

Lhe disse em tom de quem é bom patrão:
"— O Zaino já está bom para o lombilho;

VIII

" E, depois de encilhar, esse cuerudo,
" E' preciso mettel-o na culhera,
" Que contra egua-madrinha não ha cuera,
" Matreiro ou pescoceiro macanudo,
" Que não apprenda a cabrestear, taludo,
" Que não se amanse numa primavera."

IX

Arrebanharam logo os animaes,
E metteram o laço de surpresa
No pescoço do macho, que se entesa,
Manoteia, dá guinchos, como os ais!
Dos que perdem os tempos sem eguaes
Da liberdade, o dom da natureza!

X

Pescoceou, se boleou, andou de arrastro.
E o domador dizia só por farra:
"— Garanto que com dous tirões esbarra."
Mas foi só o tempo de sentar no basto;
Plantou figueira alli nomais, no pasto;
E o Potro se alçou logo a vender garra.

XI

Correu até não mais sentir presilha.
E, quando se parou, pôs-se a bufar,

Como se proclamasse á terra, ao ar:
"— Não me quizeram chucro na tropilha,
"— Hão-de me ver solito na cochilha!"
E começou, arisco, a matrerear.

XII

Começou nesse dia uma potreada
Com perfeito rigor da arte campeira,
Que a campanha trilhou, deixou como eira.
Mas nem a laço e bola e cachorrada
O Malacara vinha na volteada,
O Zaino não entrava na mangueira.

XIII

A farra durou mais, porque assomou,
Com grande estardalhaço, na cochilha,
Mangueando o Zaino longe da Tropilha,
Um sujeito malevo, que jurou
Sentar-lhe a propria marca; e o marcou.
Sabem quem foi?—Pois foi o *Farroupilha!*

XIV

Quem não gosta do bom desperdiçado
Por quem não sabe aproveitar seu bem?
Quanto mais um vaqueano de vae-e-vem
Que muito conhescia o extraviado,
Sabendo que daria, bem domado,
Um pingo como não possue ninguem!

XV

Matrereou esse taura, fez milagres
Para romper a manga da peonada;
Mas de nada serviu a sua arriscada.
Ilhado andou, passou momentos agres,
Fez proezas dentro d'agua, como os bagres.
Campereou muito; mas não houve nada.

XVI

Como era exaggerada a pretensão,
A batida seguiu com desespero;
A indiada já não tinha nem apêro;
E, mesmo assim, não lhe afrouxava a mão,
Para arrancar o Zaino ao tal mandão
Que o tinha de a cabresto com esmêro.

XVII

Até que foi chamado um camperaço
Mais tarde nesse pago conhescido
Pelo nome de *Duque,* homem sabido
En domas sem montar nem metter laço;
Pois já tinha agarrado, passo a passo,
Muito bagoal matreíro e presumido.

XVIII

—Homem de tino, experto e de constancia,
Este campeiro tinha por preceito:
— Em vez de usar de força usar de jeito.
Levou tempo saindo só da estancia,

E, ao alçado mostrando-se á distancia,
De vêrêda foi delle amigo feito.

XIX

Um dia repontou a Egua-Madrinha
Para que lhe servisse de sinuelo.
De golpe conhesceram-se no pêlo;
Quando a mãe relinchava o filho vinha;
Deste modo ajuntaram-se sem rinha,
Sem barulho, esparramo e atropêlo.

XX

— Não ha nenhum matreiro que não caia —
Diz um velho rifão do povo inculto.
Sim, agarram-se a bola, como insulto,
Os maulas que são maulas já de laia,
E se deixam prender dentro de raia.
Mas aquelles de altivo e nobre vulto,

XXI

Para um desses cair, é nessessario
Muita força, ou bolear seu coração,
Com jeito, com ardil, moderação...
— Sempre foi preferivel ser corsario
A escravo ser. Mil vezes solitario
Que á força entropilhado no rincão.

XXII

De certo, a liberdade é mui valiosa;
Mas vale mais o tento da harmonia

Que a todos cose em forte companhia.
O coração no laço é como goza,
E' como sente a vida cariciosa;
A escravidão por gosto delicia.

XXIII

Pouco tempo depois ia por deante,
Bufando e farejando o ar da querencia,
Como quem sopra a dor que a longa ausencia
Põe dentro d'alma em um país distante;
Como quem tem no coração constante
Altivez, mas amor de preferencia.

XXIV

Nem fez por acceitar outros amigos
Que perto delle relinchavam forte,
P'ra convidal-o a recambiar de norte
E deixar a quadrilha de inimigos.
Ao contrario, entre os novos e os antigos,
Quiz estes, preferiu a velha sorte.

XXV

Com tal disposição custou mui pouco
Encerral-o de novo no curral;
Não que alguem o botasse lá por mal;
Mas porque, já cansado de ser louco,
De rolar, sem raizes, como tôco,
De potro se deixou fazer bagoal.

XXVI

Sentindo o laço pescoceou de novo,
E pateou na maneia. Mas a cincha,
A carona, o rabicho, a sobre-cincha...
Nem lhe fazem pegar mais um corcovo.
Levianito no mais... pisando em ôvo..
Desconfiado da sombra,... só relincha.

XXVII

Dessa feita, porém, o tal ginete,
Mais velhaco que sôrro campo fóra,
Não lhe metteu rebenque nem espora;
Deu-lhe a pé uns tirões pelo piquete,
E depois o deixou de cavallete,
Com arreios no lombo mais de uma hora.

XXVIII

Repetiu este ardil por varias vezes,
Até que o Potro as cocegas soltou.
E, quando certo dia se esganchou,
Já foi p'ra camperear atrás de rêses,
Como si já montasse ha muitos meses
Redomão que ao lombilho se entregou.

XXIX

Ligeiro, escarceador, agarrou fama
De flete bom de redea num aparte...
E nelle é que apprendeu a andar com arte
Seu novo dono, moço que se chama

— *Monarcha* — e presumido se proclama . . . .
— Senhor do Malacara — em toda parte.

XXX

Por ser bueno, e por ser o mais bonito,
Luzia nos apêros ouro e prata.
E o gaúcho, com ar de quem se trata,
Com presumpção de ser bom patrãozito,
Poupava o seu bagoal, a trotezito.
Isso é que era viver com sorte grata!...

XXXI

Isso é que era viver!... Gordaço, guapo,
Reluzente, ninguem diria, ao vel-o,
Que foi elle o matreiro do cabello
Em maçarocas, sujo como um trapo,
De onde lhe vinha o nome de *Farrapo*,
Que se repete com orgulho e zêlo.

XXXII

Eis como pode ser cavallo manso,
Sem perder a altivez, sem que se dobre,
Conservando soberba de ente nobre,
Um animal matreiro sem descanso...
— Sujeição toleravel é um avanço,
Ante ella a solidão é dom mui pobre.

XXXIII

De repente rebôa pela terra,
Essa querencia toda alvorotando,

Tropel e gritaria, arrebanhando
A Tropilha do Zaino para a guerra...
Indo na ponta, na primeira encerra
Lhe metteram as redeas do commando.

XXXIV

Tres vezes lhe fizeram este jôgo
De andar, dias e dias, sol a sol,
Mascando o freio, qual jundiá no anzol;
Tres vezes lhe fizeram ir ao fôgo,
E por tres vezes foi o desafôgo,
Dos que ficavam em segundo rol.

XXXV

Como pingo de redea no entrevêro,
E como bom de pata numa carga,
Em que a carreira é curta, mas amarga,
Gozava a gloria de chegar primeiro,
De ser considerado o mais maneiro,
Para esses feitos de coragem larga.

XXXVI

Quem não conhesce o caso de memoria,
Contado por quem foi para quem é,
Que o Zaino foi que pôs primeiro o pé
Na fronteira inimiga? E, diz a historia:
— Montado por um taura já de gloria,
Do mesmo pago, e que se tinha fé.

XXXVII

Chamaram-no na Estancia — *Legendario,* —
Porque o seu nome andava em toda parte
Como divisa de ouro no estandarte.
Dizem os guascas que era extraordinario,
Valente como as armas, temerario,
Que o seu vulto no Zaino era o de Marte.

XXXVIII

Durante estas campanhas que relato,
Foram varios os que nelle montaram.
Alguns, poupando o flete, o levantaram;
Outros atrás de gloria e de apparato,
Crendo que o Zaino tinha alma de gato,
Em todas as batalhas o atracaram.

XXXIX

Eis como teve a gloria das peleias!
Mas chegava tão lerdo e vagaroso!
E da ultima veio tão sarnoso,
Quem sabe de que garras e maneias,
Que só compositor cheio de idéas
Poderia lhe dar estado honroso.

XL

E assim foi. O que veiu agarrou nome
Maior do que nenhum neste serviço.
Nas guerras não peleou; mas nem por isso
Deu menos nome ao pago o seu renome.

E o que fez pelo Zaino não se some,
Não morre assim nomais, porque tem viço.

XLI

Um dia se chamou — *Jequitibá,* —
Alcunha que ficou para o futuro.
E era mesmo altaneiro, forte e duro,
Como egual com certeza hoje não ha;
E mui difficilmente nascerá
Nos tempos de hoje, de viver impuro.

XLII

Trazia o flete como sola russa,
Lustroso e fino, e trabalhado a jeito.
E gostava de cancha por direito
Para os galopes, para a escaramuça.
É mesmo assim que o bom campeiro aguça
As patas do pingaço de seu peito.

XLIII

Como o lombo do Zaino é bem macio,
E no trote ou galope ia-se arqueando,
Nos pagos esse cuera andava, quando,
Com enthusiasmo pelo flete, viu
Que sua alma sonhava em desvario,
E seu corpo esse lombo ia embalando.

XLIV

De novo o Malacara andou cotuba;
E a correr nas carreiras se abalança;

Um raio na saída, de confiança,
Na chegada do laço elle derruba,
De cola e crina ao vento, como juba,
Os fletes um a um da vizinhança.

XLV

Mas... qual a vida que não se complete
Pela sorte do fim de cada ser:
— Nascer, gozar a vida, e padecer?
Pois, no fulgor da gloria desse flete,
Em que um passado nobre se reflete,
Veiu o destino a paz interromper.

XLVI

Um dia aconteceu que, por capricho,
Corressem da tropilha a velha Egua,
Que se foi relinchando a cada legua...
E não era p'ra menos: Um rabicho
Custa a largar, qual nó de carrapicho...
Este pobre animal soffreu, chôegua!

XLVII

Entrou no seu logar *Potranca nova*,
Sem raiz na querencia, sem affecto;
Deu coices nos cavallos, como inquieto,
Desconfiado avestruz que escarva a cova.
Como esses ovos, que não têm desova,
Cada pingo em seu canto ficou quieto.

XLVIII

Cada gaúcho fez da sua redea
O que lhe pareceu melhor cavallo.
(E o unico trabalho foi montal-o)...
Houve farra na Estancia, uma comedia
Que aos poucos se virou numa tragedia,
Por volta de cachaça e d'algum pealo.

XLIX

Tocou ao Zaino um indio de má volta,
Conhescido por *Pato*, e mui compadre.
Levando de porfia, como *padre*,
Que contra o mundo inteiro se revolta,
Na teima que cavallo não se solta,
Nem mesmo quando uma occasião se enquadre,

L

Tinha o Zaino a palanque ou pela soga.
Si montava, mettia espora e relho,
Sem ouvir nem aviso nem conselho...
A paciencia do bruto assim se afoga;
Por isto um dia a velhaquear se joga;
E a la fresca se vae de ôlho vermelho.

LI

Como a primeira vez, corcoveou feio!
— Inchou o lombo, e se fez de fórma de arco,
E já se impinou, teso como marco;
Mas prompto se amacou em tal meneio

Que se disse que ao céu se foi e veiu,
Como em mar tempestuoso vae um barco.

LII

E, numa dessas, negaceou de um lado,
Mas se boleou p'ra outro. Alli nomais
Ficou por baixo e tonto o tal rapaz,
Sem chapéu, sem rebenque, envaretado.
Ah, não é qualquer um que sae parado,
Quando o bagoal se atira para trás!

LIII

O resultado certo do fandango
Foi se aporrear o Zaino, indo-se embora
Para a cochilha, onde não brota a espora,
Nem o palanque, a soga, nem o mango;
Onde se tem a vida do chimango,
Bem longe do mau trato, a qualquer hora.

LIV

Mais outra farra, uma potreada mais,
Atrás do Malacara a laço e bola,
Depois que cada um atou a cola
Do seu cavallo (os mesmos animaes
Da tropilha do Zaino, então, rivaes.
Só porque o Zaino a coice o Pato enrola)!

LV

Caramba, foi preciso ser mui mau,
E não ter tido jeito, nem ser dextro,

Para aporrear esse animal sem sestro!
Assim, a tanto custo, a tanto pau,
Só vi metter um burro num perau,
E fazer versos quem não tinha estro.

LVI

Deante da força foi ganhar o matto
Nessa occasião o Zaino-Malacara.
E, como só de lá mettia a cara
P'ra lhes pegar um bote, como gato,
Por troça o appellidam — *Maragato* —
O que hoje quer dizer virtude rara.

LVII

Ainda desta vez appareceu,
Como o tal Farroupilha, outro campeiro,
Cobiçando enfrenar o caborteiro.
Não tinha idéa de fazel-o seu;
Queria, sim, livrar do tal judeu
Esse pingo entre todos o primeiro;

LVIII

E, p'ra que se ajuntasse aos caros entes,
Aculherar depois á *Potranquinha*,
Que estava no logar da *Egua-Madrinha*.
Essa, porém, a coices, mais a dentes,
Tornou a escorraçal-o dos parentes,
E, assim,... o peleador perdeu a rinha,

LIX

Conquanto fosse cuera na pechada,
Indio desses que tiram do rodeio,
Escorando de encontro, como esteio,
Qualquer touro de peso e guampa afiada,
Desde o ponto de arranque até chegada,
Feliz como quem anda de passeio!

LX

Dizem todos (e quem não sabe saiba)
Que era um typo a Cervantes (o Savedra)
Semeava o bem, mesmo onde o bem não medra,
Ceifava o mal a ferro e fôgo e raiva;
Tinha a impetuosidade da saraiva;
D'aí vem se chamar — *Chuva-de-Pedra.*

LXI

A final agarraram na biboca
O caborteiro velho, a muito custo,
Mas depois de alguns nacos. Sempre um susto,
Uma rodada, a cada um lhe toca,
Principalmente andando-se em maloca,
E a se agachar, para esconder o busto.

LXII

Foi uma judiaria nunca vista:
— Pelos olhos ataram-lhe um pellêgo,
E o manearam depois como borrêgo.
De todos os heroes dessa conquista

Quem fez menos, quem foi menos farrista,
Pellou-lhe cola e crina para achêgo.

LXIII

Mas esse trabuzana teve a alcunha
Que melhor quer dizer homem de tino,
E todo o mundo sabe: — *O Pente-Fino*.
E, segundo já ouvi de testemunha,
O tal nome-appellido entrou-lhe a cunha,
Porque elle era biriva mui ladino!

LXIV

Ao levantar-se o Zaino estava manco,
E já foi com figura de sotrêta,
Rodando em cada cova, em cada grêta.
Nunca mais retoiçou, fez um arranco.
Ao contrario, parado como banco,
Vive agora amargando sorte preta.

LXV

Quando desata, por descuido, a soga,
Então se bispa solto, e se enthusiasma.
Sae a trote... Mas logo esbarra e pasma,
Deante dos alambrados, muito em voga
Para cortar o passo a quem se arroga
O dom de liberdade (vil phantasma!).

LXVI

Dessa feita lhe deram por officio
O que em qualquer estancia ha de mais vil:

— Puxar uma carroça e um barril —
Diz-que da liberdade sae o vicio,
Dos varaes é que sae o beneficio,
Segundo esse homem magro e sem ardil,

LXVII

Que o Pato no lombilho succedeu,
E de *Chimango* foi appellidado.
Não é de todo mal intencionado;
Maturrango, porém, não percebeu
Que esse duro systema nunca deu
Para caso nenhum bom resultado.

LXVIII

O Zaino não tem mais ao campo ingresso.
Si rumbeia p'ra lá, os cuscos mordem;
Estar no seu palanque tem por *ordem*,
Na arrasta do barril como *progresso*,
— A liberdade ao Zaino é retrocesso,
Aranganice, farra, uma desordem...

LXIX

E' o matungo do andar da gurizada,
O flete de qualquer piazinho arteiro
Com licença de farra no potreiro.
Escondidos na volta da canhada
Lhe mettem o rebenque, e até guilhada,
Buscando a balda velha ao caborteiro.

LXX

A tudo isto o Chimango vae dizendo:
— " Meninos, não se exponham a esse risco;
" Esse matungo um dia pega um prisco,
" Lastima um de vocês. Eu estou vendo
" Que tenho de acabar dando um tremendo
" Castigo nelle, e o reduzindo a cisco;

LXXI

" Não se deve judiar c'os animaes,
" Foi o que me ensinou meu *Mestre-Escola*
" E nunca mais saíu desta cachola.
" E, sendo assim c'os bichos, quanto mais
" Com vocês, que são gente, meus eguaes;
" Ai deste Zaino, si elle alguem esfola!"

LXXII

Mas com tão frouxo aviso quem se importa?
Vê-se mesmo que existe certo afinco,
Que o Chimango acoberta, como zinco,
Dessa besta acabar, deixal-a morta.
E é isso o que se faz, por linha torta,
Tão certo como tres e dous são cinco.

LXXIII

O que vale é que é bueno o Malacara!
E quem foi rei conserva a magestade.
Por isto guarda tal serenidade
E paciencia estampadas pela cara,

Que pode-se dizer que a sorte avara
O Zaino a vencerá, apesar da edade.

LXXIV

Além de tudo o que é preciso ver
E' que o Zaino não anda só no mundo.
Atrás delle outros vêm, a tres de fundo,
Pedindo a mesma gloria de vencer,
Pelas razões que vou esclarecer,
E sem papas na lingua, num segundo:

LXXV

— Ante a faca do Pato (que Deus guarde)
Escondeu o grão. E assim ficou toruna,
Capaz ainda de rufiar, *cuê-puna!*
E, como a operação foi meio tarde,
Deixou pela querencia, sem alarde,
Crias aboche; e quê crias, *ai-juna!*

LXXVI

São ellas que mais tarde hão he vingar
Os maus tratos que soffre o Maragato,
Desde quando caíu nas mãos do Pato.
Velhaqueando sem fim hão de voltear
Quem de franguinho a gallo se passar,
E um por um deixarão redondo e chato.

LXXVII

Isso é que vale, amigo, — fazer crias, —
Para que os filhos vinguem os seus paes,

Quando estes já não possam pelear mais,
Das injustiças e das judiarias
Que alguem lhes fez nos seus passados dias,
Com prevalencia de armas deseguaes.

LXXVIII

Não é difficil ir até bisnetos
A dôr que padeceram bisavós;
Vae pelas veias, vae até na voz
De paes a filhos, sob os mesmos tectos;
São estes os caminhos, os mais rectos,
Por elles vae-se ao fim, por elles sós.

LXXIX

Outra cousa que ajuda a se alastrar,
Sem fim, de geração em geração,
As queixas que uma tem no coração
E' o nome que esta deixa para honrar.
Filho de arisco tem que matrerear,
Só a cria de guacho pára á mão.

LXXX

Mas antes desses contos relatados
Outros ha tambem dignos de menção.
Si vão atrás dos que na frente vão,
É, porque, como pingos repontados,
Os factos tambem andam enrabados;
Em pilha, uns sobre os outros, é que não.

LXXXI

De uma feita voltou de pago extranho
Certo campeiro de presença grata,
Chamando-se a si mesmo *Democrata.*
Mas, pelas artes que agarrou no ganho
Do estudo e do saber de bom tamanho,
Não pode ser sinão aristocrata.

LXXXII

Já tinha o cabra feitos que contar,
Quando ainda o Chimango era ninguem;
Já andara engarupado com alguem,
Com dous mais, sobre o Zaino, a ginetear.
Mas de repente se mandou rolar;
Aquelle andar não lhe sentava bem.

LXXXIII

De chegada nos pagos, foi sabendo
Das artes do Chimango valentão.
Por ser homem de bem, bom coração,
Andou toda a querencia recorrendo,
E a todos os gaúchos foi dizendo
Que ao Chimango veria pelo chão.

LXXXIV

Com tal fim bastaria lhe propor
Uma carreira grande, para a qual
Elle mesmo daria o animal,
Pediria aos parceiros corredor,

Elle proprio se fez compositor;
E teve parceria collossal.

LXXXV

Como sabem os guascas é preciso
Galopear e amestrar bem o cavallo,
Como p'ra rinha se prepara o gallo,
E ter galopeador dextro e de juizo
Que saiba atropelar em campo liso;
Do contrario, se arrisca a levar pealo.

LXXXVI

Não demorou a ir-se apresentar
P'ra o tal serviço, que era a causa sua,
Quem co'o Chimango andava já de lua,
Um tal *Pinto,* segundo ouvi contar,
Aficionado á rinha e a pelear.
E o Pinto era de penna, era de pua!

LXXXVII

Em cada escaramuça o Malacara,
Tendo no lombo o Pinto camperaço,
Sempre arrancava adeante do palhaço.
Pingo duro de bocca que dispara,
Envereda tal como capivara,
Mas apprende a chegar de luz no laço.

LXXXVIII

Falar sabia bem ao parelheiro;
Ninguem melhor do que elle nessa arena,

Em que o rebenque é lingua, a espada é penna,
E fez de parceria o mundo inteiro;
E todos arriscavam seu dinheiro,
De enthusiasmo do Zaino, e não de pena.

LXXXIX

Chegou o grande dia finalmente,
Aquelle das carreiras esperadas,
Que de certo seriam animadas;
De toda parte veiu muita gente;
Todo o mundo chegava de ar contente
Das cochilhas do pago, das canhadas.

XC

Estava entre os presentes o campeiro
Que appellidado foi *Generalito*.
Em manhas de carreiras mui perito,
E, sendo dessa feita o companheiro
Que mais gente levou como parceiro,
Em si o olhar de todos ia fito.

XCI

O corredor do Zaino appareceu
Conversando que nem desesperado,
Largando compadrada a cada lado,
E como era costume velho seu,
Nomes feios dizer, álguem lhe deu
Por lhe chamar o indio *Desboccado*.

XCII

Já era um guasca velho conhescido
De rudes campereadas anteriores.
Em que o Zaino estropeou com desamores.
Reconhescendo esse erro commettido,
Acreditar-se quer, e arrependido
Correr o Zaino vem cheio de ardores.

XCIII

Eis que ao tranco, já perto vem chegando,
O Chimango num triste mancarrão,
Num matungo que nem levanta a mão.
Parecia que vinha manquejando,
E um maturrango o vinha maltratando.
Pobre animal: Isso é desolação!

XCIV

Isso nem é carreira, é roubo certo!
Do Zaino à parceria a gracejar
Cola e luz offerece por jogar.
Esse animal nem pode chegar perto,
Ou esse tal Chimango é muito experto,
P'ra fazer o milagre de ganhar.

XCV

Começaram por fim as taes partidas,
Em que se vê o poder de cada um.
Não levou muito a gente a ouvir zum-zum
De que havia trapassas percebidas

Do Chimango na cancha, ás escondidas,
Fazendo jôgo mau como nenhum.

XCVI

P'ra lá p'ra cá, mexeu, andou, virou,
Tratando da carreira não soltar
E o estado do Zaino desflorar;
Até que a senha ao animal passou;
Este ao outro um bom coice lhe pegou,
E o Zaino alli ficou de mão no ar.

XCVII

O povaréu gritava e protestava;
Aquillo era mais roubo do que jôgo,
O Chimango servia só p'ra o fôgo,
E ao pelungo com raiva appellidava
De *Fraude*, e mais irado reclamava
Castigo p'ra esse aggravo, um desafôgo.

XCVIII

Ás cansadas, soltaram a carreira,
O corredor andou conforme apraz,
O Desbocado uma esperança traz,
Soltando bem o pingo, de maneira
Que a gente respirou alviçareira.
Mas o Zaino chegou manqueando atrás.

XCIX

E, como era entregar o perdedor
O trato da parada principal,

Dessa vez, se saindo meio mal,
O Democrata, seu compositor,
Entregou o Malacara ao ganhador,
E o Chimango encilhou o pobre animal.

C

Foi tristeza geral por esses pagos,
Sentimento profundo. (Deus me guarde!).
Jurando um desafio p'ra mais tarde,
Alguns houve de raiva meio gagos,
Outros de lagrimas encheram lagos.
A dor no coração dos tristes arde!

CI

Passaram tempos sem que o Democrata
Esquescesse o papel do tal Chimango,
O desafôro desse maturrango,
Que nas maturrangadas se retrata,
E por se divertir feroz maltrata
O pobre Malacara a espora e mango.

CII

De facto, contrataram a carreira,
E o Democrata os pagos foi correr.
Mas confiança ninguem podia ter,
Deante do succedido na primeira.
E a gente que accorreu foi altaneira,
Disposta ao que pudesse acontecer.

CIII

Essa carreira nem chegou a festa,
Como costuma ser. Mas reunião
De gente armada p'ra revolução;
Porque o Chimango tinha bem na testa
As intenções que sempre manifesta,
De velhacada, fraude. Era um vulção!

CIV

Soltaram a carreira de parado,
Porque o Chimango andava com gambêtas,
Nem perdia occasião de usar de trêtas.
Nas partidas plantava-se damnado,
Sempre com ar de mal intencionado,
Com quem diz: "Commigo não te mettas".

CV

O Malacara velho correu bem,
Co'as patas fez milagres, um collosso
Que ao povo produziu justo alvorôço.
Consentiu arrancar de atrás, porém,
Emparelhou, depois passou além,
Chegou ganhando ao Fraude de pescoço.

CVI

Si na outra carreira houve trapassa,
Nesta houve mais do que isso, nem se diz.
Houve procedimentos tôrpes, vis,
Houve fraude, houve mortes, por pirraça.

Por muito menos, quando alguem se passa,
É costume quebrar-se-lhe o nariz.

CVII

Enquanto o povo alegremente dava
Ao Malacara viva, ao Fraude morra,
O Chimango, de meôlo, como piôrra,
Que bem não anda, rápido saltava
No Zaino descuidado que allí estava,
E se foi campo a fora como sôrra.

CVIII

Mais uma vez o Zaino foi parar
Nas garras do Chimango, que maltratam;
Deante disso, os gaúchos o destratam,
Por não poderem ver sem protestar
Assim essa carreira se acabar;
E qualquer cousa série alli contractam.

CIX

Assentaram botar-lhe sobre o lombo,
Em baixo da carona osso pontudo.
Isso fizeram com Chimango e tudo.
Sentindo na basteira esse calombo,
E ao Chimango querendo dar un tombo,
Pegou a velhaquear feito potrudo.

CX

O Democrata diz: "Vou ver-te agora".
E para repontal-o contra a sanga,

Entrega aos seus campeiros essa changa.
O *Serrano* de um lado faz a escora,
O *Leão e o Veado* encostam sem demora,
E o *Taura* de Bagé que fecha a manga.

CXI

O Chimango andou mal, pelas caronas,
Charqueou de um lado e outro, a vista escura,
Fazendo em cada arranco má figura.
Maturrango, sem botas nem choronas,
Desmanchou as maneiras valentonas,
Desmanchando a terrivel catadura.

CXII

A sanga ia chegando, estava perto,
E o Chimango, que a gatas se agarrava,
Cada vez mais de lá se approximava.
Rebentar a coalheira era o mais certo
Nesse barranco perigoso, aberto,
Que como sepultura o esperava.

CXIII

De repente, porém, se viu surdir
Certo *Milico* que por parte vinha
Do dono da tropilha, do *Rolinha*...
Da pomba que tratava de impedir
Que chegasse a rapina a succumbir.
Tal a irrisão que a sorte escripto tinha.

CXIV

De mui longe e com cara de assustado,
Já o Milico gritava: "Façam alto"!
E de surpresa, como que de assalto,
Na garupa tirou o condemnado,
Já nos estribos mal assegurado,
Já frouxo o caracú, de forças falto.

CXV

Pelo cabresto veiu para a estancia
O Malacara cheio de pesares,
Para o qual o mais triste dos azares
E' o osso na basteira. Isto dá ansia
De corcovear com força e com constancia,
Até ver o ginete pelos ares.

CXVI

Fizeram todos uma reunião,
Para assentar a sorte que teria
O cavallo depois daquelle dia.
O Democrata e o Chimango não
Afrouxam; cada qual sua opinião
Sustenta com fervor e teimosia.

CXVII

Depois de discutir aquella gente,
Resolveram com trêtas de quem joga,
Com ar de quem não quer, enquanto roga,
Que ao Chimango seria formalmente

Prohibido montar no Zaino doente;
E o Zaino ficaria pela soga.

CXVIII

Enquanto isso, fariam reformar
As Garras que pisavam o animal.
Foi o que resolveram afinal,
Para a sorte do Zaino melhorar.
Mas o Chimango, mesmo sem montar,
Outros meios terá de o tratar mal.

CXIX

Deus queira que o Rolinha, de ternura;
Pelo Chimango magro destes pagos,
Em troca de carinhos e de afagos,
Não abandone o Zaino á sorte dura,
E á vida atribulada de amargura
Que outras vezes lhe fez fundos estragos.

CXX

Eis a historia que já se conhescia
Como certa por toda a redondeza,
— Do Zaino-Malacara na grandeza,
E depois perevudo certo dia —
Historia que começa na alegria,
Historia que descamba na tristeza.

CXXI

Mas esta historia não chegou ao fim.
Verdade é que o Chimango inda não deu

Com a cola na cêrca; porém eu
Leio a sorte do Zaino velho assim:
— E' questão de outro dono, e mais capim,
Para que torne a ter o que perdeu —

CARTAS DE UM REVOLUCIONARIO

Aceguá, Abril de 1923.

Formosa china querida,
Vou te contar minha vida
De acampamento, de guerra,
De campereadas na terra,
Desta já maldicta ausencia
Da mulher e da querencia,
Mais comprida que as estradas
Que se estiram desdobradas
Por quebradas e cochilhas.
Minha alma, aquella que encilhas
Com apêros de carinhos
E enfrenas com teus jeitinhos,

Carrega atados nos tentos
Os melhores sentimentos
De saudades e de amor
Pelos filhos e essa flor,
Que nesses pagos ficaram
E que os meus braços juctaram
No dia da despedida;
Mas que afrouxaram, querida,
Como cordas relaxadas
De viola, desafinadas.
E tu co'os filhos ficaste,
Para que seja o contraste
Do que era ontem e hoje é
Inda maior que esse pé
De ombú da beira do rancho,
Onde encilhava, mui ancho,
O cavallo do meu peito,
O mesmo ombú que está feito
Ramada do nosso lar,
E que pode agasalhar
Bandadas de aves em pouso
E um mundo de amor e gôzo.
Pois mede por esse ombú,
Cheio de bandos de anú,
A differença do que era
A existencia deste cuera,
Quando ao teu lado vivia
Contra o que passa hoje em dia.
Não tenho mais esses braços
Que na armada dos abraços
Me pealavam de cucharra

E me maneavam por farra:
Nem esse rancho abrigado
Contra os ventos de mau lado,
No baixo, perto do matto,
Com agua e fogo barato;
Nem tenho mais essa cama
Enfeitada pela dama
A quem dei meu coração.
Agora durmo no chão
Em cama feita de arreios,
Bem longe dos teus anseios;
Minha casa — uma barraca,
Minha cômmoda a bruaca
Que na garupa carrego;
E não tenho nenhum prego
Para pendurar a roupa.
Quando quero tomar sopa,
Mando ferver caracú,
Mas ninguem faz como tu,
Com esse gosto de salsa
E o tempêro que realça
Qualquer prato de panella.
Aqui se come costella,
Churrasco dia por dia,
Na alvorada carne fria,
Até noite chimarrão.
Mas todo o mundo anda são,
Todos têm felicidade.
Nem ninguem perde a vontade
Da continuação da lucta,
Que ha-de ser nossa conducta

Enquanto o gavião teimar,
Enquanto o Chimango andar
Com asas de palmo e meio
Nos assustando o rodeio.
Soffrer penas não é ruim,
Quando se espera bom fim;
E esse cuera rodará,
Pois andam seccos, por cá,
Muitos tauras e picaços,
Que sabem saccudir laços,
Nem erram tiro de bola,
Nem de lança, nem pistola.
E esse tombo he-de ser feio,
Desses de partir ao meio;
P'ra pagar o que desfez,
Sem avaliar o que fez
Á nossa gente touruna,
Que prejudicou, cuê-puna,
Obrigando-a a abandonar
Os interesses e o lar.
O homem ferido no amor
Pode cozinhar a dôr;
Mas roubado na abastança
Sempre está prompto á vingança.
Por isso no tal Chimango
Ha-de dar tangolumango,
(E já lhe rogamos praga
D'aquellas que ninguem traga)
Si não morrer de balaço
Ou de bomba no seu paço.
Por elle é, china querida,

Que atrapalho minha vida,
Fazendo-a inutil, maninha,
Qual pinho que não vê pinha;
Por elle amargo saudades,
E não tem felicidades
Quem não te esquesce um momento
Guardando-te em pensamento.
Como o laço que se estica,
Mais puxa e mais teso fica,
Quanto mais longe me vejo
Tanto mais arde em desejo
O amor deste teu gaúcho,
Que tem por unico luxo
Poder affirmar que quer
A mais formosa mulher.

Candiota, Junho 1923.

Na minha carta anterior
Falei das barbaridades
E das infelicidades
Desta existencia de dôr,
Á qual nem sei como pôr
O tão almejado fim.
Não te falarei assim
Nesta segunda missiva
Que leva a noticia viva
Do que vae neste confim.

P'ra o caso de te contar
Pedaços desta existencia

De interminavel ausencia,
Não sei por qual principiar.
Pode-se o laço arrolhar
Começando da presilha,
Mas a primeira rodilha
Pode vir tambem da lhapa;
Por isso nenhum se escapa
Dos septe pés da sextilha.

Já sabes o que é tirar
Uma lichiguana gorda.
Não ha essa que não morda
Quem não pode se tapar.
Tem o pobre que aguentar
Com o malvado ferrão,
Que dá febre e dá sesão.
Pois tambem treme quem pega
Frio dormindo em macega,
Com mau poncho e mau chergão.

Conto, pois, a lichiguana
Que o exercito tirou
Nesta noite que passou,
E que varou, a tyranna,
Poncho, pellego e badana.
Tinha sabor, a cruel,
De mel com gosto de fel.
Egual a esta só vi,
Quando sozinho dormi
Depois da lua de mel.

Nem bem o sol se escondia
Já tratava a gaùchada
Da cama bem arrumada.
Cada qual melhor fazia
O ninho, porque era fria
Aquella bocca de noite,
E o ventinho, como açoute,
Arripiava o corpo inteiro.
O enxame pica o matreiro,
Onde quer que elle se acoute.

Enquanto houve chimarrão,
O frio era brincadeira,
Nem era aquillo carreira,
Nesse fundo de rincão
Do Candiota e Jaguarão.
Até o coração da gente
Pulava forte e contente
A cada caso, co'a graça
Que dá um trago de cachaça.
Com cana até o frio é quente.

Em seguida escureceu;
A indiada se foi ás camas,
Feitas em cima de ramas;
E aos poucos adormeceu,
Sonhando, talvez como eu,
Com batalhas e victoria
Que ao guerreiro emprestam gloria
Ou com a linda mulher,

Como a que o teu indio quer;
Sonhos que são nossa historia.

Á meia noite, porém,
Tudo cambiou por inteiro;
Um por um o travesseiro
Foi desertando; ninguem
Alli se sentia bem.
Foi grande essa madrugada,
Pois, desperta a gaùchada,
Botou os ossos de ponta,
Batendo queixo sem conta
Direito á cinza apagada.

Os fogões se renovaram,
E em cada um fez-se roda.
As gaitas, cá á nossa moda,
Gementes, na treva, soaram
Marcas tristes que alegraram
Estes entes entanguidos,
E momentos esquescidos
Passaram sem tiritar,
Ao som da gaita, a dançar:
E assim foram aquecidos.

Fez-se o silencio de novo
Pelo nosso acampamento;
Porque todo aquelle povo
Ficou quente, como ôvo
Que a ave choca em baixo d'asa,

E dormimos como em casa,
Até que chegou a hora
De pular da cama fora
Naquella campanha rasa.

Veiu a voz da madrugada
No clarim saudando o sol,
Pela festa do arrebol.
Era o toque da alvorada,
Crystallino como a geada .
Ver o sol que se descobre,
Cobrindo a quem não se cobre,
É sempre um ar de alegria
Sobre qualquer manhan fria.
O sol é o poncho do pobre.

Branca estava a natureza,
Toda pintada de cal,
Arvores, pasto, chircal,
Naquella manhan accesa
Contra o frio e a tristeza.
Quem verde quizesse ver
Esperasse o sol nascer,
Que seu cavallo agitasse,
Rastro das patas deixasse,
Para a geada derreter.

Ouvindo o canto do gallo,
Seguimos marchando ao tranco,
Pisando o tapete branco
Que acaricia o cavallo.

Aquillo foi um regalo,
E macanudo era vêl-o;
Mudara tudo de pêlo,
Ficou toda rabicana
A cavalhada, e ruana,
Por ter branqueado o cabello.

Manhan de geada que é calma,
Que não levanta com vento,
Dia de contentamento,
De mil prazeres á alma
E da lichiguana a palma.
Por isso é que sempre digo:
Não andar juncto contigo
É o pesar que nesta terra
Não tem remedio na guerra,
No mais a guerra é commigo.

A lichiguana contada,
Que já vae meio comprida,
Dou na penna já corrida,
Tirão secco de sentada.
E mando a carta acabada,
Com a solemne promessa,
Si a inspiração não tropeça,
De outra tropa de saudades,
Bem gorda de novidades,
Mas apartada sem pressa.

Caçapava, Julho 1923.

Aquí, de volta estou, minha mulher.
Com o lapis na mão, acreditando,
Enquanto a ponta vae gambeteando,
Deixando atrás o rastro que a alma quer,
Que, nesta pressa p'ra o que der e vier,
A galope me vou de redea solta,
Escrevendo na estrada já revolta,
Com as pegadas firmes do cavallo,
Esse poema, que um dia hei-de cantal-o,
Das saudades que morrem de quem volta.

Não te falarei muito dessa dôr
Que enforca o coração, que puxa, aperta,
Como o laço que deixa a bocca aberta
Do potro que enlaçou o domador;
Nem mais desse viver do lidador
Á lei da natureza, ao mais ladino,
Confiado só nas armas e em seu tino,
Que não vê mais o rancho e a familia,
Solito co'as lembranças, na cochilha,
Lá onde o atirou cruel destino.

Não mais te contarei que meu palito
É ponta de facão, ponta de faca,
Depois de churrasquear polpa de vacca,
Que o fumo que fumei não vale um pito.
Não; disso fica o dicto por não dicto.
Que importa que da casca de uma imbira

Faça atilho, não tendo tento ou tira,
Que da barba-de-pau meu guardanapo,
E que carne nomais mande p'ra o papo
Que outro prato não ha que se prefira?

Já sabes de tudo isso de outra carta.
Hoje vou te contar cousa melhor,
P'ra que acredites que não é a peior
Esta existencia minha, que anda farta,
Como a vida do boi fora da quarta.
O boi solto se lambe todo, diz
O dictado, de certo mui feliz.
Como elle aproveitei a me lamber
Longe de ti, depois de padecer
O que o diabo no inferno já não quiz.

Deu-se o caso que, tendo conquistado
O Coronel Toribio a Caçapava,
Commandando a vanguarda, como andava,
A gente desse povo alvorotado
Por termos os borgistas derrotado,
Para o exercito tres dias deu
De festas em que o povo resplendeu;
E os guerreiros gozando, se esquesceram
Dos momentos atrozes que soffreram,
Como os que o teu chirú tambem soffreu.

Em primeiro logar — acclamação —
Do povo que manifestando vae
Ao General que sabes, ao teu pae,
Aos gritos pela rua, confusão,

De tropa que se aperta no rincão.
— Viva, mais viva Estacio de Azambuja
— Morra o Chimango, cara de coruja!
Gritava o povo sempre a mesma cousa,
Como gyra na luz a mariposa,
Como faz quem bebeu, depois babuja.

Ainda que chovesse, de repente,
Quando se viu sorrir uma chinoca,
Que discursou, e ouvi chamar Maroca,
E um manôjo de flores mui contente
Passar ao General alli presente,
Aquillo parecia a nossa palma,
E que o sol já nascia p'ra a nossa alma.
E Gaspar Cunha discursou tambem,
E o segundo orador falou mui bem,
Pois disse o que queria em toda calma.

Tocou a vez do verbo ao General,
Que disse, e repetiu com insistencia,
Que ao povo agradecia. De eloqùencia
Havia sido o Chefe. E não é mal
Que quem maneja a espada por ideal,
Quando na vida surjam occasiões,
Como esta, de crueis revoluções,
Nas quaes o descontentamento lavra,
Do mesmo modo jogue co'a palavra,
Arma com que se vencem corações.

P'ra vermos a funcção de um bello thema,
Representado por uma beldade,

Dando o braço, as senhoras da cidade
De noite nos levaram ao cinema.
Como sabes, eu gosto do systema
De andar aculherado no passeio,
Braço em braço, sem ter nada por meio,
E, apesar de casado, por ser moço,
Aguento bem anilho no pescoço,
E, conforme ensinaste, cabresteio.

A funcção dessa noite foi mui linda,
Havia muita gente na platéa.
A mulher que surgiu era uma déa;
Apparecia e desapparecia,
Virgem nossa Senhora, Ave Maria!
Era só de se olhar, e não tocar,
Como alma do outro mundo, p'ra assustar,
E não fui de fação contra esse vulto,
De nomes feios não chinguei, de insulto
Porque era, como tu, linda de amar.

Um guerreiro tambem teve a lembrança
De escrever e dizer alli p'ra o povo
Alguns versos de quem não é mui novo
N'essa arte de pealar com a lambança
Do verbo o povo, que é como criança,
E que ao povo reune como gado
Aos gritos de rodeio, arrebanhado.
E, para que conhesças esses versos
Que são do nosso caso e são diversos,
Mando aqui neste lote já apartado.

Canto o povo do Chimango
Que teve esse filho á tôa;
Mas á sua gente boa
Canto bem serio, e não mango.

Com seus coqueiros em cima
Caçapava do interior
Acena ao Libertador
Exercito que se arrima.

A nossa vanguarda andava
Em noite de tempestade,
Gateando co'habilidade
O povo de Caçapava.

E chegou de sopetão,
Tomou o povo com presteza,
E Caçapava surpresa
Ficou da Revolução.

Inda que o borgista ruja
E a resistir mande o toque,
Não poude aguentar o choque
Do General Azambuja.

Palpitando o coração,
Por serras viemos soffrendo,
De Caçapava fazendo
A terra da promissão.

A Caçapava chegamos,
Immensa felicidade!

Reforçamos a vontade
Com que até hoje luctamos.

Foi explendido esse dia
Para este povo distante,
Mas para o guerreiro andante
Tambem dia de alegria.

Tudo é bello em Caçapava:
—Céu, terra, cerros, cochilhas;
Na belleza de suas filhas
Vi que essa belleza estava.

A primeira recompensa
Ás nossas luctas insanas
Vem de vós, caçapavanas,
Da vossa grácil presença.

Sois nesse grande deserto,
Que é a vida do guerreiro,
Deleitoso e prazenteiro
Oasis ao guerreiro offerto.

Os vossos vultos mimosos,
Engalanando a cidade,
Lembram a doce beldade
Dos anjos do céu, formosos.

Estamos, pois satisfeitos,
Nós, de pagos tão remotos,
Fazendo sinceros votos
Que brotam dos nossos peitos.

Eil-os, os votos, aí:
Que sempre sejais felizes,
Que os chimangos infelizes
Nunca mais venham aqui.

Depois, como eu, alguns foram dormir;
Outros, porém, não sei que fim levaram,
Poisque da formatura se ausentaram.
No exercito, por certo, é de se ter
Muita necessidade que prover.
Sem duvida arma tendo enferrujada,
Vi quem dissesse que ia arear espada;
Outros, tomando mate com biscoito,
Que fariam mais tarde trança de oito;
Depois fui me deitar, não vi mais nada.

Como esta já vae sendo meio larga,
Machaça p'ra ser tropa de noticias,
Apartarei o resto com caricias,
Outro dia. Já basta como carga
De casos doces de uma vida amarga.
E assim não chega tudo de uma vez.
Tropa grande se corta em mais de um lote
P'ra que vá mais ligeiro, quasi a trote.
Vae juncta, p'ra que mates, uma rês,
Do pêlo da saudade, como vês.

S. Sepé, Agosto 1923.

Recomeço o serviço de apartar
Os casos da cidade Caçapava,
Onde faz pouco tempo a força estava.
Um lote formarão, que ha-de chegar
Depois do que mui perto já ha-de andar.
Um par de vaqulhonas por sinuêlo,
Para que façam ponta vão tambem.
São os desejos que o teu indio tem
De estares com saúde, mais o appêllo
Que faz a Deus por ti co'amor e zêlo.

No outro dia passeio na cidade,
Cola atada do pingo, que é seu luxo,
Exhibição garbosa do gaúcho,
Aos grupos pelas ruas, á vontade,
Quebrando bêco, que barbaridade!
Captivando as mocinhas das janellas
Desse povo enfeitado assim por ellas.
Nessas escaramuças foi-se o dia,
Cuja noite esperada co'alegria,
Nos deu festas melhores do que aquellas.

A moçada do exercito captiva
Das amabilidades desse povo,
Fazendo o que louvei e ainda louvo,
Com baile preparou noite festiva
Que lhes ficasse na memoria, viva,
Offerecida ás moças do logar.

Caíu gente ao baile de sobrar;
E durou toda a noite esse fandango,
Graças á pirronice do chimango,
Por quem no mundo andamos a farrear.

E na noite seguinte nova farra
Que deixou pelos nossos corações,
Doces echos de mil recordações.
Recitativos, cantos na guitarra,
Danças, folia que se foi á barra
Do dia, mais discursos eloqùentes,
E protestos jurados entre dentes
Aos ouvidos das candidas morenas
Que deram corações, mas deram penas,
Dando saudades para quando ausentes.

Dançar não se podia pela sala,
Que parecia tal e qual mangueira,
Gado a redemoinhar, tropa matreira,
Não parava, o zum-zum daquella fala
De gente reunida que não cala.
De vez em quando um par n'outro pechava,
E este p'ra aqui, outro p'ra alli rolava,
Tal com no bilhar se vae a bola
Depois que faz com outras carambola.
Assim foi essa noite em Caçapava.

Moças bonitas não faltaram lá,
Morenas como são por estes pagos,
De avelludado olhar que faz afagos,
Cabellos côr de anú, como não ha

Sinão do Nonoai ao Aceguá.
Têm nos labios a côr da melancia
Que apparece na polpa da fatia;
Alguns tremerem vi de acanhamento,
Quaes petalas abrindo ao sol, ao vento;
E a tez pitanga verde parecia.

Entre muitas: Medoura de Macedo,
E Nair Cruz, Ondina de Menezes,
Lindas de ser gabadas muitas vezes;
Assim Dolores e Jurema, cedo
Mostraram bellas ser, digo sem medo.
Anna e Morena Cunha, Alba Miranda,
E ao lado dellas todas tambem anda
Noemia de Menezes, aquilino
Perfil de real encanto feminino,
Das mais lindas chinocas desta banda.

Mais de uma das morenas desta festa,
Que foi como batalha mui renhida,
Rendeu-se alli nomais já mal ferida.
E duvida nenhuma já me resta,
Porque, quando se diz, ninguem contesta,
De que esa mesma encarniçada acção
De coração de encontro a coração,
Foi, segundo os despojos da batalha,
E por calculo certo que não falha,
Uma victoria da revolução.

Já que falei das moças, vou falar
Dos mancebos tambem, que completaram

As gratas impressões que me ficaram;
E que, segundo o que já vou contar,
E se passou commigo e o meu par,
As mesmas impressões fôram geraes:
Endireitando o rôlo do pescoço,
Essa, com quem estava de retoiço,
Ingenuamente disse com candura,
Com jeitinhos de arisca saracura:
"Nunca vi tão bonitos, tanto moço".

"São todos deste exercito officiaes,
Desta raça criôla cá do sul",
Respondi eu formal e mui taful:
"Mas elles, senhorinha, dizem mais:
"Que como umas das outras são rivaes,
Não sabem apartar, e eu bem creio,
Nenhuma destas moças do rodeio".
Ah, nunca pude ouvir gritar o truco
Sem cantar: "Tenho flor", por meu retruco,
Inda que perca as cartas no carteio.

Era preciso ver essa moçada,
Com traje de legitimo gaúcho,
Traje que o homem veste de mais luxo,
E que ao guerreiro dá postura airada,
Roda ás moças fazer, e ter em cada
Rosto arrebatadora sympathia,
Coragem, mais ventura e galhardia
De quem não vinha só como guerreiro,
Mas tambem como andante cavalleiro,
Que tem por estribeira a cortezia.

A festa de guerreiros se compunha;
E é longa a lista desse illustre rol,
De gente de valor, gente de prol:
Anthero, Gomercindo e Cyro Cunha,
E Camara (José), da mesma alcunha,
Coriolano, Abbott, Palma, Clarestino,
Costas, Franco, Toribio, homens de tino,
Raphael, Doca, Arí, Bugre, Fabico,
Cada qual Azambuja e bom milico,
Camillo Mercio, cidadão mui digno.

Luis Antonio Porciuncula, e doutores:
Octacilio Moraes, Carlos, José
Antunes, Romeu Borba e Olivé;
Veveca, Antenor Dias, moradores,
Em Caçapava, mais os lidadores:
João Guedes e Tiburcio da Silveira,
Cacildo de Menezes e Pereira,
Depois Celso Barreto, Cota Soares,
Indio Bugre, que estava entre os bons pares,
João Portinho, sympathica maneira.

Octacilio e Marcilio de Macedo,
Anaurelino Rosa, mais Brasil,
Da força que contava além de mil,
Domingos Mascarenhas, joven quêdo,
Rodriguez (Primitivo) homem sem medo,
Arnaldo Mello, Guasques e Cabral,
Osorio Pires, Jones Silva, um tal
Ernesto Boitatá, mais Mario Passos,

Piegas, Cluve, outros e outros não escassos
Do exercito da causa liberal.

Falta contar apenas a festança,
Que dessa vez se deu no acampamento,
Bom passatempo, bom divertimento,
Dessas farras que a gente não se cansa
De evocar nem escapam da lembrança.
Consistiu a tal festa, essa folia,
Em vistas apanhar, photographia
Da Cavalhada, mais da comilona
Que foi servida ás damas na carona.
E a todos nós immortalizaria.

Estes domaram potros de colmilho,
Aquelle outro atirou tiros de laço,
Uma proeza havia a cada passo,
Com perfeita destreza e todo o brilho,
P'ra o mulherio sentado em cochonilho,
A quem a festa foi offerecida.
De tudo agradou mais uma corrida
De tirar argolinha á disparada,
No verdadeiro tom da gaùchada,
Por aprazer a dama preferida.

Eis como terminou nossa passagem
Pela cidade dicta Caçapava,
Onde a população nos esperava,
Para nos consolar da dura viagem
E premiar nosso gesto de coragem.
E, como chego ao fim do meu assumpto,

Que deu tropa de versos no conjuncto,
Entrevero o municio das saudades
E os desejos de mil felicidades
Deste teu indio que te quer e muito.

Lavras, Septembro 1923.

Visto que a ausencia entre nós
Vae augmentando ligeira,
Em vez de laço pensei
Atirar-te boleadeira.

E como me tenho fé,
Com boleadeiras na mão,
Deixa que corra nomais,
Que as bolas te alcançarão.

Esta, portanto, inda vae
Com rodilhas de lembranças,
Pealar-te de todo o laço
Na armada das esperanças.

Desta missiva, que é laço,
Que longe atira o campeiro,
Quereria ser a argola
Que sempre chega primeiro.

Como isto não pode ser,
A presilha fico sendo,
E o coração a cedeira,
Onde enlaçada te prendo.

Começo a arrolhar da lhapa,
Antes de rasgar a armada
Do laço da minha vida
Nesta campanha estirada.

Como sempre, é feita ao passo
A marcha, no andar da lesma;
A vida de acampamento,
Porém, não é sempre a mesma.

Ontem fez tão clara lua
Que uma querencia alumiava,

Que até o somno alvorotou,
E á diversão convidava.

Os tocadores tocaram,
Enquanto em cada fogão
Uns com os outros dançaram
Alliviando o coração.

E naquellas expansões
Ninguem devia soffrer,
O brinquedo é como a cinza
Que não deixa a brasa arder.

De repente em uma roda
Surge um poeta improvisando
Versos de provocação,
Ao som da gaita cantando.

Mas, eis que se ouve tambem
De outro fogão outro poeta
Que na cruzada lhe sae
Com cantoria correcta.

Entre cueras macanudos
Quem uma quadra improvisa
Prepare-se para a troca,
Como quem no poncho pisa.

Não ha mecha bem queimada
Que falhe com a faísca
Da boa pedra de fogo.
Quem é maula não se arrisca.

Ao que envida outro revida,
Logo alli de sopetão.
São chispas de coronilha
Que se cruzam no fogão.

Mesmo assim berram dous touros
Por cochilhas e quebradas,
Lançando-se o desafio
Para a peleia ás guampadas.

Mas ha uma differença
No desafio campeiro;
Hoje é com gaita e não viola,
Conforme era de primeiro.

Um delles é Mario Castro,
Com elle ninguem se mêtta,
Outro Gravilla se chama,
Não se assusta de careta.

A indiada foi-se chegando
De acampamentos distantes,
E em breve alli se embolou
No rodeio dos descantes.

Um verso contra outro verso,
Qual facão contra facão,
Sempre no tempo de polca,
Da polca de relação.

A lua vinha subindo,
Cada vez mais alumiava,

Nos joelhos dos trovadores
A gaita se requebrava.

Ia ás vezes de má volta,
Saía a quadra atrevida,
Como ponta de punhal
Que se mexe na ferida.

Mas outras açucarada,
Fructa de sombra-de-touro,
Que agrada á primeira vista
Por ter a linda côr de ouro.

Alli logo, ao pé da letra,
A contestação lá vinha;
Não ha cuia sem a bomba,
Nem ha faca sem bainha.

A noite era como dia,
E a lua como o fogão,
De serenata e folia;
Lembrava o nosso rincão.

Á soga, á roda de nós,
A cavalhada, pastando,
Acompanhava o descante
Bufando de vez em quando.

Uma aqui, outras alli,
Frageis tendas a alvejar,
Barracas, ranchos de pano,
Do guerreiro repousar.

E os cueras da relação
Cantavam a noite em fóra,
Despertando a solidão,
Que nestas quebradas mora:

—Eu me chamo Mario Castro,
Nome já mui afamado,
Que corre a mão pela gaita
E faz falar o teclado.

—E faz falar o teclado
Só quem debulha como eu,
Conhescido por Gravilla,
O Nome que Deus me deu.

—O nome que Deus me deu
Me veiu do calendario,

Faço pouco em qualquer outro,
Tendo o meu nome de Mario.

+Tendo o meu nome de Mario.
Não passava deste hinverno,
Por obra do proprio diabo
Que os Marios leva ao inferno.

—Que os Marios leva ao inferno,
É cousa que não me assusta,
E vir de lá te buscar
É cousa que não me custa.

+É cousa que não me custa
Surrar-te na relação,
Dando-te um verso que fique,
Fique sem contestação.

—Fique sem contestação!...
Que potranquinho velhaco!
Pois corcoveia nomais
Que te esporeio o sovaco.

+Já te esporeio o sovaco,
Si não podes responder:
"Por onde é que tu andavas
Antes de teu pae nascer?"

— Antes de meu pae nascer,
Nem parto era, nem aborto,
Por uma graça de Deus
Não era vivo nem morto.

+Não era vivo nem morto,
Tal e qual vento de bucho,
Que sae sem que ninguem veja,
E tem cheiro de cartucho.

— E tem cheiro de cartucho
Quem entra mal neste mundo,
Errando a porta da frente,
Saindo pela do fundo.

+Pela porteira do fundo
Vae este triste cantor,
Acuado pelos meus versos,
Pechando no corredor.

—Pechando no corredor,
Se vae qualquer animal,
Como tu, meu trovador,
Quando te vês meio mal.

+Quando te vês meio mal,
Me agrada te perguntar:
"Quantas estrellas no céu
De noite vês a brillar?"

— De noite vês a brillhar
Estrellas que contaria,
Numero escripto co'o mar,
Si em tinta virasse um dia.

+Si em tinta virasse um dia,
Toda a agua do grande mar,

Nem tu nem toda a tua casta
Chegariam a esgottar.

—Chegariam a esgottar,
Si tu chegasses tambem
A contar ao mesmo tempo
Quantos grãos a areia tem.

—Quantos grãos a areia tem?
Deixa que as veias te corte,
Com teu sangue escreverei,
Saberás depois da morte.

Seguiam sempre cantando
Os dous gaúchos de truz,
Verso em verso atravessando,
Dous a dous formando cruz.

Até que ganhei na cama
Feita de arreios, no chão,
E me parei a sonhar
Co'os entes do coração.

Esta escrevo de manhan,
Sobre o carnal da carona,
Por não deixar sem noticia
Meus filhos e minha dona.

Vou encilhar o cavallo,
Que nos commanda o clarim;
Por isso assigno já esta
Pondo-lhe beijos no fim.

Encilhado o pangaré,
Tomaremos nosso norte,
Quem sabe si para a vida,
Quem sabe si para a morte.

Atrás de mim esta deixo,
Rastro da minha passagem,
Para que saibas que um dia
Estive nesta paragem.

No nosso rancho distante
E em ti pensei eu aqui,
Tive vocês na memoria,
Durante os cantos que ouvi.

Esse dia ha-de chegar,
Que, em vez de mandar-te abraços
Irei eu mesmo em pessoa
Apertar-te nos meus braços.

TROVAS

Estes versos são rodilhas
De um tiro de laço armado
Para pealar nas cochilhas
Lindezas do pago amado.

NOSTALGIAS

Quando penso nos meus pagos
Tenho ganas de chorar,
E uma dôr que são afagos
Que dão ganas de cantar.

Como hei-de pensar com calma,
Sem ter nó no coração,
Nesses pagos de minha alma
Que nunca esquescerei, não.

Nos meus pagos chorei dores,
Mas cantei ditas fagueiras
Dos meus primeiros amores
Pelas chinocas faceiras .

Nos meus pagos ha cochilhas
E campinas afamadas,
Cheias de gado e tropilhas,
Bom pasto e boas aguadas.

Por um lado vão meus pagos
Do Rio-Negro ao Piraí,
Por outro lado, mais vagos,
De Bagé ao Jaguarí.

O Cerro-Chato la está
Vendo o Cerro-de-Bagé,
E vendo os dous o Aceguá.
Pois entre elles meu pago é.

Dos pagos buscando o fundo
Em dous dias nomais vim,
Mas são maiores que o mundo
Esses pagos para mim.

Eu quizera de vintem
As vezes que tenho ido,
Que tenho vindo tambem,
E os meus pagos percorrido.

Eu tive sempre por luxo,
Andando no pago amado,
De parecer bom gaúcho,
Bem vestido e bem montado.

Que feliz sou no domingo
Pelo meu pago a cavallo,
A cola atada do pingo
Lá bem onde canta o gallo!

Quem quizer me ver contente
Dê-me mate, que se chupa,
No pago estando presente,
E uma china na garupa

Um pago desses levanta
O topete do gaúcho.

Quem, sendo delle, não canta?
Quem não agùenta repuxo?

Por isso os meus pagos canto
Ao som das cordas da viola,
E recanto o seu encanto,
Quando aperto o nó da cola.

Nunca foi de gente frouxa
Um pago de domadores,
Que tem campeiros abocha
E afamados peleadores.

Cada vez que no rincão
Avisto a minha tapera,
E' com dôr no coração
Que revejo o que antes era.

Quem é filho de Bagé,
Só quem respirou seus ares,
Poderá dizer o que é
Longe andar desses logares.

Sou filho de um pago rico,
Onde se tem bom viver;
Que outros junctem, pobre fico,
Porque um dia hei-de morrer.

Conhesço os pagos que estão
Em baixo e em Cima da Serra,
Posso até dizer que são
Meus pagos toda essa terra.

Hei do pago o amor da terra,
Do meu pago, céu azul,
Mas o meu amor encerra
Todo o Rio-Grande-do-Sul.

O'Rio-Grande-do-Sul,
Varzeas, cochilhas, colinas,
Como pude andar exul
Seis annos destas campinas!

Si seis annos não te vi
Não foi por minha vontade;
Tanto que longe de ti
Criei tropas de saudade.

AS GURITAS (1)

O Rio-Grande-do-Sul,
Não tem só moças bonitas,
Tem o céu, que é mais azul,
E a belleza das Guritas.

Não sei de cêrros mais bellos
Que os da serra das Guritas;
São olympicos castellos
Que só tu, Senhor, habitas!

Vinde ás Guritas atheus,
Contemplar quanto se encerra
Na magestade de Deus
E na belleza da terra!

Quem este mundo creou,
Desde as eras primitivas,
Tão lindo nada formou
Como as Guritas altivas.

De cima de uma Gurita
Enxerguei deante de mim
O Camacuan como fita,
Quasi do começo ao fim.

Lavras, Caçapava e Tocas,
Seival, campinas bemdictas,
Rincão do Inferno, bibocas,
Estão ao pé das Guritas.

A dous dias da fronteira,
Guritas desassombradas,
Sois da Patria brasileira
Sentinellas avançadas.

Quem nas Guritas o luxo
Dos nossos pagos não viu
Não é completo gaúcho,
Todo o orgulho não sentiu.

(1) Guritas (corruptela de Guarita) são cêrros enormes da serra de Caçapova, de rocha primitiva, e formas caprichosamente architectonicas que lembram templos, castellos e guaritas de soldados.

TERNURAS DE UM GUASCA

Baixa os olhos, cala a bocca,
Para esconder o pudor;
Mas elle espia, chinoca,
Entre o véu do teu rubor.

Por que anda sempre corada,
Si beijar-se ella não deixa?
Porque, ao ser do sol beijada,
A chinoca não se queixa.

Numa cacimba te vi
Junto de mim espelhada.
Nossa sorte estava alli
Nesse quadro retratada.

Por cima de nós o céu
O céu por baixo de nós,
E entre esses dous céus — tu e eu —
Quatro que eramos dous sós.

Quando na sanga espelhada,
Contigo espelhado o céu,
Eras um anjo, adorada,
Tinhas as nuvens por véu.

Vi-te, chinoca, sesteando
A' sombra da pitangueira,
E o sol, a sombra furando,
Beijar-te a face trigueira.

Os braços de uma chinoca
Prendem mais do que a cuinera,
Nos seus olhos, negra toca,
Se perde o indio mais cuera.

Eu gosto de ver de perto,
Depois que arregaça a manga,
Com seu braço descoberto,
A lavadeira na sanga.

Quem anda o matto costeando
Tem que escutar com tristeza
A lavadeira cantando
Em côro co'a correnteza.

A lavadeira batia
Contra a pedra, no lagoão,
Mas, por seu canto, eu diria
Que era contra o coração.

Pensei, morena, encilhando,
Quando o rabicho botava,
Que eu ia assim me amansando,
E o meu bem me enrabichava.

Quem faz paga neste mundo:
— Por ter peleado e domado,

Desse teu olhar profundo
Hoje vivo escravizado.

Um cavallo, porque é lindo,
Um touro, que é bicho forte,
Mais a china alegre, rindo,
São cousas que me dão sorte.

Chinoca, que é do teu rastro,
Si, por contemplar quem é
Que pisa tão leve, o pasto
Ergue-se atrás do teu pé?

Sinto, morena, que és pura,
Quando te vejo ficar
Bombeando na fechadura,
De vergonha de encarar.

De chucro fiquei tambeiro,
De arisco fiquei costeado,
De tanto andar no potreiro
Do teu peito aculherado.

N'UMA RODA DE TYRANNA

(Entre marido e mulher)

O Tocador:

Tyranna, tyra-tyranna,
Tyranna do meu rinção,
O homen aparta a mulher
Pechando-lhe o coração.

Marido — Minha potranca matreira,
De ganas de te domar,
Co'os olhos de boleadeira
Um dia te fiz rodar.

Mulher — Um dia te fiz rodar
N'um prisco que foi um pealo,
Desculpa assim te falar
Fala de egua, meu cavallo.

Marido — Logo te encilhei de juras
E de confissões de amor,
Com as intenções mais puras
Do teu chirú domador.

Mulher — Do meu chirú domador
Ouvi o caso contado:
— Passou a escravo o senhor
E o domador a domado —

Marido — E fiz uma cousa louca,
Alli nomais, nesse ensejo,
Fe segurei pela bocca,
Pondo-te o boccal de um beijo.

Mulher — Pondo-me o boccal de um beijo
Pelo beiço tu ficaste;
Buscando o mel com desejo,
Como a mosca te atolaste.

Marido — E te segui galopeando,
Manunceando sem tirões,
E um ao outro aculherando
Os nossos dous corações.

Mulher — Os nossos dous corações...!
Quando aculheras o meu,

A culhera que me pões
Tambem aculhera o teu.

Marido — De vez em quando esporeava
Com arrufo ou com desdem,
E as cócegas te tirava
P'ra que me quizesses bem.

Mulher — P'ra que me quizesses bem
Escaramucei com outro,
Santo Antonio disse amen
Tu te vieste como um potro.

Marido — Hoje, egua minha sem par,
Não tens manha nem capricho,
Doce de bocca e de andar,
Até já estás de rabicho.

Mulher — Até já estás de rabicho...
Quando enrabado não vaes,
Eu adeante por capricho,
Tu pelo beiço e atrás.

POR GRATIDÃO

Entre uma chinoca linda
E um potro de boa cria
Eu não escolhi ainda,
Nem sei qual escolheria.

Tive um cavallo picaço
Que do pago era o primeiro;
No rodeio era buenaço,
Nas carreiras meu changueiro.

Com tormenta andei perdido,
Viajando num pingo baio,
Que, da estrada mui seguido,
Rumbeou pela luz de um raio.

Qualquer matungo começa
A mostrar a dor da ausencia
Por virar sempre a cabeça
Para o lado da querencia.

O cavallo que me trouxe
Na propria querencia andava;
Meu pesar, chegando, foi-se,
Elle, manheiro, lerdeava.

Quando subo uma cochilha
E enxergo o pampa deitado,
Sei bem que o pampa se humilha,
Porque me vê bem montado.

Fazer um tiro de laço
Num cavallo bom de pata
E' cousa que dá laçaço,
Isso é cousa que me mata.

Tendo um cavallo de muda,
Já tenho alguma riqueza,
Com carne gorda de ajuda
Faço pouco na pobreza.

É voz da estrada ao cavallo,
Quando o casco faz barulho:
"Si galopeias te pealo,
Ao tranco no pedregulho".

"Sempre que teu pingo tope
Chão em que pasto não brote,
Não deves ir a galope,
Vae de vagar, vae a trote."

"Nã atropele o petiço
Quem quizer chegar ligeiro;
Si o galope é bom enguiço,
O trote é menos traiçoeiro".

A estrada diz ao gaúcho:
"Si vaes perto galopeia,
O galope é andar de luxo,
Mas, si vaes longe, troteia".

"Não me apure no repêcho,
Um cavallo arabe disse,
No lançante puxa o queixo,
Não me poupes na planicie".

MINHA TROPILHA DE TODOS OS PÊLOS

Eu tenho na minha estancia
A mais bella das tropilhas,
Feita de todos os pêlos,
Ao campo, pelas cochilhas.

A egua-madrinha é branca,
Como mamãe da tropilha,
Pela culhera um a um
Faz dos cavallos familia.

O escuro do meu andar
É o meu mais lindo cavallo;
Quando aperado de prata,
Se pára que nem regalo.

Por escarceador o ruano
Faz chover prata da crina;
Com carinho o arrocinei
Para o andar da minha china.

O zaino é o meu corredor,
De lance como avestruz,
Nem toca as patas no chão,
Chega no laço de luz.

O tordilho é bom para a agua,
Nem nunca fez papel feio,
Lombo de fora, bufando,
Vara qualquer passo cheio.

Tenho o meu tordilho-negro
Para apartes de rodeio;
Sabe o que dizem as redeas
Quando lhe bolem no freio.

Quanto aos baios tenho quatro:
Baio amarello, encerado,
Cabos-negros e tobiano,
Qualquer dos quatro afamado.

Montado no cabos-negros,
Para meu rastro deixar,
Basta que banque na redea
E de rastros fica um par.

Baio-tobiano, piquirra,
Das garras do meu gurí,

É senha da cavalhada,
O mais lindo que já vi.

O meu gateado é velhaco,
O nome já está dizendo;
Tem balda de lombo duro,
Mas não troco nem o vendo.

Pangaré, meu mancarrão,
É da mansidão de um banco,
Tropeçador não seria,
Si não fosse meio manco.

Douradilho, reforçado,
Lombo de bom encilhar,
Para trotear anda só,
Cavallo de bom andar.

O bragado é caborteiro,
O mais sestroso que tenho;
Mas para a lida pesada
Sempre foi meu desempenho.

Quando quero fazer viagem
Monto no pingo rosilho,
Marchador e resistente,
Guapo até p'ra comer milho.

É bom cavallo de campo
O lobuno candongueiro,
Tem por manha vender garras
E disparar de matreiro.

O alazão é mordedor,
Ao mesmo tempo mui dextro;
Como todo pingo bueno
Não deixa de ter um sestro.

Velhaco tenho outro pingo,
Compaheiro do gateado,
É meu cavallo picaço
Que ficou meio aporreado.

O colorado é dos bons.
Onde houver flete que valha
Não fica atrás o vermelho;
A cor do sangue não falha.

Outro pingaço de lei
É meu cavallo tostado,
Tem por signal roncador;
Sendo suro é bem marcado.

Não ha esse que não goste
Do meu flete requeimado;
Fazendo-lhe certa senha
Pula sanga e aramado.

Lido todo o dia inteiro
No meu matunguinho mouro,
Que tem corpo de petiço,
Mas tem a força de um touro.

Não posso cruzar a perna,
Quando ando no malacara;

O nome já está dizendo,
Prisca em má volta e dispara.

O estrella, passarinheiro,
De vez em quando olha o céu,
E chega a dar cabeçadas
Nas abas do meu chapéu.

Sempre gostei do quadralvo
Bom de pata sempre foi,
Nunca ouvi que se dissesse
Que rabonasse algum boi.

O cruzado é bom de redea,
E ligeiro de montar,
O senão deste cavallo
É seu vicio de coicear.

De tanto apanhar na doma,
Hoje o barroso é mesquinho,
E só se deixa enfrenar
Torsendo-se-lhe o focinho.

Não gosto muito de andar
No que tem o pêlo ouveiro,
Por ser negador de estribo
E lunanco e caborteiro.

Tobiano-vermelho é maula,
E o meu tobiano é silhão,
Não tenho na cavalhada
Outro de peior condição.

Porém o tobiano-negro,
Com andar de sobre passo
Ganha de estima e valor,
Por ter esse dote escasso.

Um dia foi aplastado
O meu cavallo salino;
Desde isso ficou cansão
E do andar do meu menino.

Que o cebruno é macanudo
Não é sabido de agora,
Não nega fogo esse pêlo,
Nem é cavallo de espora.

O pampa é de mau andar,
Corcunda e baixo de deante:
Aperto as garras atrás,
Mas correm no mesmo instante.

O salgo nasceu petiço,
Engordou, ficou macêta
E bichôco e perereca
Esse matungo sotrêta.

Anda sempre se bombeando
O entrepelado, de arisco,
Ás vezes da propia sombra
Assusta-se e pega um prisco.

Quanto ao zaino-pangaré,
Encosta só no arrancar;

Mas pega o freio nos dentes
E dispara até cansar.

O meu mouro rabiçano,
Agarrador de avestruzes,
Tem o galope macio,
Por ser bem alto de cruzes.

Varando arame deitado,
O azulejo se rengueou,
Rebentou o tendão da pata
De tanto que se enredou.

Eis aí minha tropilha,
Meus cavallos de campeiro,
Em que garanto que posso
Recorrer o mundo inteiro.

AS ESTRADAS

As leguas que estão deitadas
Na maciez do capim,
Sempre á beira das estradas,
Dizem que estas não têm fim.

Estradas, fitas de arrastro,
Que se somem pelo além,
Vão rastejando entre o pasto,
Para lá levando alguem.

Quando vou longe do pago,
A trote, na estrada real,
Conto as saudades que trago
Nas pisadas do animal.

De fitas e de mil cores
Vi cochilhas enfeitadas,
Era um atilho de flores
Entre nós de encruzilhadas.

Quando uma estrada se faz,
Uma fita se desata,
E fogem leguas atrás
Do feixe que ella reata.

As dores do coração,
E as alegrias tambem,
E' pela estrada que vão,
E' pela estrada que vêm.

Si com saudades intensas
Vou-me ausentando do ninho,
Porque acho as leguas immensas,
Não posso amar o caminho.

Amo uma estrada qualquer,
Quando esse caminho guia
A'china, minha mulher,
Que ha muito tempo não via.

Dizem que o rastro do pé
Prova a vida do vivente;
Como rastro a estrada é
A prova de muita gente.

O BICHARÊDO

Canta um cardial no arvoredo,
E taes cantos desenrola
Que se apprende muito cedo
Rasgar tyrannas na viola.

Ha muito que o tico-tico
Não tem maneia nas pernas,
Pula inda, porque a maneia
Sempre dá penas eternas.

Tem seu emblema sagrado
Qualquer um povo da terra,
O quero-quero do prado
E' o nosso emblema de guerra

Si o campeiro dorme fóra
Coberto pelas estrellas,
E' que o quero-quero mora
Alli, como as sentinellas.

As andorinhas da sanga
Levam a gente pr'as casas,
Fazendo reponte e manga,
Enliando a gente nas asas .

O nhandú ao resmungar
Faz o tom de admiração,
Mas o seu pescoço no ar
Parece interrogação.

O grachaim da biboca
Vive em silencio, mui longe;
Mas de lá mesmo, da toca,
Vê tudo esse fino monge.

Só sae de noite o ladino,
E, sem que o cachorro o morda,
O sorro, bicho de tino,
Come a borrega mais gorda.

Quem tem parelheiro á soga
Extenda a cama na estaca,
O sorro masca e não roga
Mesmo o coiro da guaiaca.

Sim, ha tristeza no pampa;
Mas ella mostra grandeza
E' quando o joão-grande acampa,
E se encolhe na tristeza!

Passaro triste o anú,
Pennas negras de carvão;
Elle canta como tu
Lanceando-me o coração.

Si pousa n'arvore bando
De anús a passarinhar,
Vejo-a enluctada chorando,
Na voz do bando a cantar.

JARDIM DE AMOR

Maracujá da Paixão
Symbolizas o martyrio,
Mulher do meu coração,
És a flor do meu delirio.

A flor da noite, fechando,
Desapparece de dia,
Tu desappareces quando
Se esconde o sol da alegria.

Margaridas te mostrei,
Não disseste qual preferes,
Eu, mal te vi, te apartei
Do rodeio das mulheres.

A madresilva de casa
É o adôrno da janella;
Com seu olhar, que me abrasa,
Enfeita-se a minha bella.

O agua-pé floresce n'agua,
Que elle alegra co'a corolla;
Mas a flor que adoça a magua
É a mulher que me consola.

A raiz do macachim
É doce e alva, a flor viçosa;
Teu corpo é doce, alvo, assim,
Teu rosto sua flor mimosa.

A larangeira na flor
De anno em anno se renova;
Com teus carinhos, amor,
Sempre me pareces nova.

Vendo a corticeira em flor
E seus cachos encarnados,
Penso em ti, meu lindo amor,
Nos teus topes colorados.

O mal-me-quer diz que não,
Mas tambem diz que me queres;
Sempre diz meu coração
Que és dilecta entre as mulheres.

Por que é rubro o caeté
Que nos expliquem os sabios;
Mas eu bem sei por que é
Que estão rubros os teus labios.

Do taruman com espinhos
Colher a flor custa um pouco;
Para colher teus carinhos
Tambem me vi meio louco.

É do espinilho a belleza
Ter as flores com perfume;

Do amor a vera grandeza
É não amar sem ter ciume.

Como o aroma do espinilho,
Cheio de flores de odôr,
Achei que era, em doce idyllio,
O halito do meu amor.

Os papelotes que pões
Na cabeça, quem dirá?
Lembram flores e botões
Na copa do camboatá.

É rôxa, lánguida, linda,
Triste a flor da canjirana;
Teus olhos são mais ainda,
E meu gosto não me engana.

Tuna, qual arvore boa,
Dá flores, depois dá fructa,
Mas, sem folhas, e sem sombra,
Toda eriçada de espinhos,
Como as mulheres á toa,
É o passante que a desfructa
Vendo-a núa nos caminhos!

"Alecrim, verde, cheiroso,
Da janella do meu bem" —
Quizera eu ser tão ditoso,
E viver alli tambem.

A primeira vez que andei
Ao pé do teu coração,
Cheiroso ramo te dei
De um pé de mangerição.

As flores das açucenas
São de variegadas cores;
Assim tambem ha centenas
De mulheres nos amores.

Tem espinho a flor do cardo,
Espinho que fere e espeta,
Mas o amor tambem tem dardo,
Mas o amor tambem tem seta.

Ao sopro do vento acena
A palma do buritî;
Lembra a tua mão amena
Chamando-me: Vem aqui.

Cravo do matto encarnado,
Seu enfeite e parasita,
É teu cravo colorado
Esse teu laço de fita.

Amarella, a flor do ipé
Tambem tem a côr do ouro,
Tua cabelleira é
Como esse fulvo thesouro.

VERSOS EM PENCA

Cochilha, ubere eternal,
Que ricas veias encerra,
Olho-d'agua, manancial,
Teto desse ub're da terra.

Canto na ronda o meu fado
Por disfarçar o abandono,
Por fazer dormir o gado,
E afugentar o meu somno.

Sei me rir e sei brincar
Numa roda de fogão,
Mas tambem sei manejar
O ferro do meu facão.

Com viola boa atrapalho,
Quando canto em desafio,
E jogo tambem o talho
Tendo um ferro de bom fio.

No poncho encobre-se tudo
Que tem o gaúcho pobre,
Mas o rico perevudo
Só com dinheiro se encobre.

O rancho do pobre fica
Contra a sanga da canhada,
Perdido na tiririca,
Mas a dous passos da aguada.

Os ricos têm as estancias
No mais alto das cochilhas,
Por divisar as distancias
E as querencias das tropilhas.

Gaúchos, vistam o palla
Que lhes encobre o facão,
Uma arma escondida fala
Antes que esteja na mão.

O guasca, no povo estando,
Rumbeia para a cochilha
Como o potro relinchando
Desgarrado da quadrilha.

Quem campereia d'em pêlo
Arrisca menos perigo;
A cincha é peior que novello,
Arrastra a gente consigo.

O guasca aborrece tanto,
Ou mais que o sceptro dos reis,
Porque os embretam no canto,
Os alambrados e as leis.

Por que existem alambrados
Apequenando as estancias,

Deixando os campos picados,
Encompridando as distancias?

Cousas que dóem no pampa:
— Campo rapado, uma cruz,
Um touro môcho, sem guampa,
E o resmungo do avestruz.

Diz-que sou mau inimigo,
(E eu nunca disse não ser)
Mas que sou mui bom amigo
Ninguem pode desdizer.

Ao campo nomais se cria
O que um patrão pode ter
Para que a peonada ria
E feliz possa viver.

Do dinheiro ando me rindo,
E me rio sem receio,
As vaccas estão parindo,
Tenho a burra no rodeio.

Quiz saber gringo do pago
Se ganhei nas marcações:
— "Muito, lhe disse, o que trago
"De alegres recordações."

Por galopear umas eguas
Soffri penas sem eguaes.
Caminhei dias e leguas,
Fui e vim rindo nomais.

Deixo logo o rancho alheio,
Quando o dono anda aporreado,
Por não lhe metter o freio,
Ou por não ser eu domado.

A natureza foi boa
Com este povo gaúcho,
Que tem liberdade á toa,
Lida cantando, por luxo.

Ha perigo de morrer
Na peleia mano a mano;
Mas ha gloria de vencer;
Prefiro esta, e não me engano.

A franqueza do gaúcho
Me faz logo escravizado,
Desço-lhe as tripas do bucho,
Quando me olha atravessado.

Eu sou pau p'ra toda obra,
Na lida como na farra,
E quando o meu tempo sobra,
Toco e canto na guitarra.

Eu sou mateador de lei,
Porque o mate amargo cura,
E triste nunca cheguei
Até o fim da sevadura.

E' mui differente a sorte
Sob o mesmo céu azul;

Choram gringos pelo Norte,
Cantam gaúchos no Sul.

Trabalhar n'outros países
Dá lagrimas e dá dôr,
Os guascas são mais felizes,
Pois trabalham com amor.

Sim, quem na enxada botal-o
Verá o guasca manherear;
Mas bote um gringo a cavallo,
E esse gringo ha-de chorar.

Diz quem não vê camperear
Que os guascas vivem vadiando;
E acaso não é lidar
Porque se lida cantando?

Lindos campos enxerguei,
Vi-os cheios de tristeza;
Talvez seja o que não sei
Da sua propria belleza.

Os campos criam riqueza
Tupindo o pasto no chão,
E me inspiram a tristeza
Que crio no coração.

Saudade abafada é magua;
Como cortiça afogada
Que vem mais p'ra cima d'agua
Quanto mais é mergulhada.

Quem quizer ver pagos lindos
Venha ver o Camacuan,
Cerros e campos infindos,
Terra forte, gente san.

É linda a gaúcha vida,
Que de tudo tem um pouco,
Tristezas de alma ferida
Com alegrias de louco.

O meu viver é tobiano,
É tobiano negro em tudo,
De esperança e desengano,
Tem o pêlo macanudo.

— Cada terra tem seu uso —
O Rio Grande tem o seu,
Uso que chega ao abuso
Dos bens que a terra lhe deu.

Quando vejo uma peleia
De dous tauras deseguaes,
Lhe compro a parada a meia
Ao que já não pode mais.

Amigo, tome este trago,
A canna bem lhe fará,
Um gole não faz estrago,
Amigo, venha de lá.

Não diga que não, amigo,
Um trago não se rejeita,

Não me faça um inimigo,
Me fazendo esta desfeita.

Eu gosto de andar na guerra,
Sempre que a Patria me chama.
Para defender a terra
Em que se nasce, e que se ama

Não é por ficar na toca
Que não se morre, por certo,
A morte é p'ra quem lhe toca,
Morrer no combate é incerto.

Eu gozo um lindo momento,
Quando a canhada se coalha
De indiada no acampamento,
Nas vesperas da batalha.

Si não me toca morrer,
Que me importa a guerra, amigo?
Tendo carne p'ra comer,
Faço pouco no inimigo.

Caminhar dias e meses,
Viver de arriba na terra,
E pelear algumas vezes,
Eis no que consiste a guerra.

O pampa tem uma fera:
O touro que afia a guampa,
Em dia de primavera,
Contra um barranco do pampa.

Todo bom gaúcho aceita
Que a lição do touro é esta:
— Desprezar a quem se deita,
E só pelear com quem presta.

NAS CARREIRAS

Desde quando me fiz gente
E pude aguentar regalo,
Tratei de ser um gaúcho,
E andei como pau de enchente
Agua abaixo na corrente,
Repontado pela sorte,
Com o desprezo por morte,
Na farra como na lida,
Toreando a morte na vida,
Buscando a vida na morte

Cruzei aqui mais alli,
Solito por toda parte;
Mas, como nada me farte,
Pagos alheios corri,
Muito bochinche metti,
Em canchas de taba e rinha,
Namorei muita chininha;
E tudo fiz por saber
Qual era o melhor prazer
Que a vida gaúcha tinha.

Depois de muito provar
O que tem a vida boa
Do gaúcho que anda á tôa,
Sem ter querencia nem par,
Que trabalha por farrear,
Sentei que nada se eguala,
Nem nada tanto me abala,
Tanto me serve de afago,
Como as carreiras do pago.

. . . . . .

Isso sim, é que me peala!

Cuê-puna, que é divertido,
É cousa de enthusiasmar,
O seu flete adelgaçar,
E apparecer presumido,
Bem aperado e vestido,
Na reunião das carreiras,
Ser das figuras primeiras,
Tal como quem não quer nada,

A figura mais olhada
Pelas chininhas faceiras.

Ao guasca da minha casta,
Que tem corôa de macho:
— Chapéu no alto e barbicacho —
Ser monarcha não lhe basta
Da cochilha em que o boi pasta;
Rei do campo sem ninguem
É illusão que muitos têm;
Mas ser primeiro de um povo,
Esse é rei, e sem retôvo,
Rei entre os homens tambem.

A trotezito na ida,
De longe o povo se avista
Redemoinhando na pista,
Como guçano em ferida
De bicheira apodrecida.
Quem vae chegando se arrancha:
E a gente ladeia a cancha
Desde a saída até o laço,
Como carne de espinhaço
Que nem o tempo desmancha.

Como a mulher que se tapa
Escondendo a formosura,
Tambem cobre a compostura
O parelheiro de capa,
E passo a passo se escapa
Leviano deixando o rastro,

Pisando faceiro o pasto,
Pois sabe que é bicho lindo,
Que todos o vão seguindo
Cobiçando p'ra seu basto.

Chegando ao tranco nomais,
Confiado no meu facão,
Me metto na multidão,
Buscando volta aos bagoaes,
Vendo marcas de animaes;
Que o guasca sente alegria,
Quando encontra e desafia
Changueiro de boa raça.
Como cachorro de caça,
Vale o pingo pela cria.

Quando acho algum do meu gosto,
"Chá-chá" lhe faço o primeiro,
Pelo as garras do changueiro,
Senhor de mim e disposto,
E grito nomais que aposto
Todo o dinheiro que tenho;
Pulo no meu desempenho,
De-em-pêlo, rebenque e freio;
E começa o meu recreio
Nas paradas por empenho.

Faço partidas com jeito,
Como nas rinhas de gallo,
Arrematando o cavallo
Que monta o outro sujeito;

N'uma dessas, si me ajeito,
Arranco que nem cabrito,
"Solta na frente", lhe grito,
E atropelo repontando;
Depois a luz vou tirando,
Conforme já estava escripto.

Outro momento que agrada
No decorrer da carreira,
É, quando baixa a bandeira,
Depois da sorte comprada,
Bradar co'o povo que brada;
"Já se vieram", esperando
Que os bichos passem bufando
Co'a nossa sorte nas patas,
Chatinhos que nem baratas
Que vêm que parecem voando.

Quando a carreira se acaba,
Si me resta cobre ganho,
Vou repontando o rebanho
Dos meus milreis para a taba.
O vicio ao vicio se enraba.
E até, sem ter boa aragem,
P'ra perder tenho coragem,
Pouca falta faz o cobre
Áquelle que é mesmo pobre;
Pobreza pouca é bobagem.

Depois da carreira e jôgo,
Caio no baile, na dança,

Movimento que não cansa,
Que ao coração dá mais fôgo
Dando ao pesar desafôgo;
Uma chinoca no braço,
Com graça e desembaraço,
Faz esquescer a pobreza,
Pois essa china é riqueza
Que me segue passo a passo.

Assim vivo um par de dias
No meio da gaùchada,
Numa troça declarada,
Sem pensar nas arrelias,
Entre farras e alegrias.
E, si algo me desconsola,
Conto os pesares á viola,
Até que rumbeio a estrada
Levando por compadrada
Bem atado o nó da cola.

CANÇÃO DA TABA

Da cancha n'uma ponta,
Com a taba na mão,
Gozo a maior paixão
Que minha alma reponta.
A idéa já não conta
Os dias e os meses
E as infinitas vezes
Que esta mão tem jogado
E o braço balanceado
Esse caracú de reses.

Passo horas esquescidas,
E nem posso esperar

Sem na sorte arriscar
Entre duas partidas;
Ou ganhas ou perdidas,
Do osso vou namorando,
Desde que o vejo voando,
Até bater no chão,
Os requebros que vão
Por cima se meneando.

De cravada é meu tiro,
Que uma cravada é o luxo
De todo bom gaúcho;
É o golpe que prefiro.
Volta e meia no gyro,
Se reboleia assim,
Tal qual o borlantim,
Que de repente pára,
Dando sorte co'a cara
De risada sem fim.

Mas, si é do meu agrado,
Faço o osso galopear
Até justo o logar
Pelos olhos marcado.
O osso corre laçado
No tiro do carreiro,
E se mexe ligeiro,
N'uma dessas esbarra
Pealado de cucharra,
Assim como terneiro.

Faz-se a cancha de lama
Que com o pé se alisa
E só a taba repisa,
Suave cancha que é cama
Feita para uma dama
Livre se remexer,
Até adormecer
Mostrando sorte ou culo,
E que se afunde no pulo
De cravada a valer.

Conto sempre co'a sorte
Da taba manunceada.
Como mulher amada,
Sendo seu dono forte,
Posso me dar o corte
De dizer que na cancha,
Onde a taba se plancha,
Tenho-a por minha amiga,
Dilecta rapariga
Que commigo se arrancha.

Nesse jôgo do peito
Não se requer a força,
Mas que o corpo se torsa
E se amaque com jeito.
Não é qualquer sujeito
Que sacode uma taba;
O pichote se baba,
Mas não faz galopear

O osso p'ra ganhar.
Não ganha quem se gaba.

Não posso ficar mudo,
Quando ella galopeia;
Com cara alegre ou feia
Na taba jogo tudo.
O cuera macanudo
Arrisca seu dinheiro.
Roupa, cavallo, apeiro,
E até joga a mulher,
O ente que mais quer
Depois do osso sorteiro.

Interpretação das metaphoras do poema histórico: MAL COMPARANDO, da pag. 61

Tendo sido poucos os leitores que, na primeira edição, perceberam as analogias e penetraram no verdadeiro sentido dos tropos deste poema, resolví, a pedido de bondosos amigos, explical-o, para que fique menos obscuro.

Quer dizer que me colloco expontaneamente na situação do retratista que precisa escrever em baixo do retrato: *Este é Fulano de Tal*. Más essa imperfeição será, com certeza, perdoada pelos magnanimos leitores, deante da clareza de que se reveste agora o poema.

Estrophes	*Explicações*
I, Zaino — Malacara...	Rio Grande do Sul que se afez ás incursões no Uruguai, e derrubou o Presidente Braga em 1835.
II, III.....	Descripção do meio rio-grandense.
IV..... hinvernada vizinha	Uruguai.
... do seu dono protegido	Protegido pelos nossos governantes do centro contra a malevolencia de Artigas e outros chefes orientaes, relativamente aos brasileiros que viviam no Uruguai.
V... Tropilha	Brasil.
Egua-Madrinha ..	Monarchia ou Municipio Neutro.
Potranco.....	Rio Grande do Sul.
Dezenove matungos	As outras Provincias do Brasil.
VI... As crinas balanceando á ventania	A bandeira brasileira.
VII, VIII, IX.....	Primeiras medidas restrictivas da antiga liberdade gaúcha, em forma de novos impostos e maior policiamento.

Estrophes	*Explicações*
X	Reacção dos rio-grandenses que apoiam o governador Fernandes Braga, em 1835, tendo á frente o Gral. Bento Gonçalves.
XI.....	Proclamação da Republica (1836) pelo Gral. Antonio Netto.
XII	A Revolução prosegue.
XIII, XIV	Bento Gonçalves.
XV	A sua acção em tôrno de Porto Alegre e a sua evasão do Forte do Mar.
XVI	O empenho da repressão da revolução e a pertinácia dos revolucionarios que chegam á miseria.
XVII, XVIII, XIX....	Duque de Caxias e a sua acção conciliadora e pacificadora.
XX, XXI, XXII.....	Ou harmonia dentro da unidade brasileira ou independencia.
XXIII.....	Acquiescencia dos rio-grandenses á paz honrosa.
XXIV	Recusa dos rio-grandenses aos acenos de alliança quer dos Blancos de Oribe, quer dos Colorados de Rivera.
XXVI.....	Apprehensões dos gaúchos quanto ao cumprimento das clausulas da paz.
XXVII, XXVIII.....	Acção edificante e minestra de Caxias na politica rio-grandense.
XXIX. Monarcha.....	D. Pedro II, que obteve a maioridade em 1840, e começou a governar em plena Revolução dos Farrapos.
XXX.....	Benevolencia de D. Pedro para com o Rio-Grande, e admiração pelo seu povo.
XXXI.... Farrapo....	Denominação dos revolucionarios de 1835 a 1845.
XXXIII.....	Invasão contra Rosas (1851), sob o commando do Conde de Porte Alegre, indo o Rio-Grande na frente.
XXXIV....	Guerras contra Rosas (1851), contra os Blancos (1864), sob o commando de Tamandaré e Menna Barreto, contra Lopes (1865), sob o commando de Osorio e Porto Alegre.
XXXV.....	Referencia ás cargas de caballeria.
XXXVI.....	Passo da Patria por Osorio.

Estrophes	*Explicações*
XXXXVII... Legendario Osorio.	
XXXVIII.....	Mitre sacrificou os rio-grandenses confiando aos brasileiros as posições mais arriscadas.
XXXVIX.....	Estado de penuria em que ficou o Rio-Grande após a guerra.
XL, XLI Jequitibá.....	Gaspar Silveira Martins.
XLII Gostava de cancha por direito.....	Refere-se á sua recta conducta civica.
XLIIII.....	Seu amor e enthusiasmo pelo Rio-Grande.
XLIV.....	Rapidos progressos da Provincia sob a acção de Silveira Martins, em finanças, colonização, estradas, etc.
XLVI, XLVII.....	Proclamação da Republica.
Potranca Nova.....	A Republica, exótica e extemporanea para nós.
Deu coices nos cavallos	
Cada pingo em seu canto ficou quieto	Referem-se á dispersão federativa.
XLVIII	Refere-se ás oligarchias estadoaes.
Por volta de cachaça	Refere-se á lamentavel realidade de serem ébrios em geral os moços da geração que preparou e organizou a Republica, assim concebida entre baforadas de alcool.
d'algum pealo.....	Refere-se ás arbitrariedades e desmandos dos primeiros governantes.
XLIX Pato.....	Julio de Castilhos.
padre.....	Analogia com a sua posição de chefe da seita positivista.
L, LI, LII.....	Effervescencia popular e queda de Castilhos.
LIII.....	Revolução federalista.
LIV.....	O Brasil inteiro contra os federalistas.
LVI.....	Os Federalistas nas mattas do Norte do Estado de Santa Catharina, e em Paraná.
LVII, LVIII, LIX, LX.	Sonho de reunificação do Brasil, incarnado em um dos chefes da Revolução.
Chuva-de-Pedra	Gomercindo Saraiva.
LXI, LXII.....	Refere-se á acceitação da paz pelos Federalistas.

Estrophes	*Explicações*
Pelos olhos atarambhe um pellego...	Refere-se ás promessas fallazes para conseguir a paz e á traição do governo não as cumprindo.
LXIII.. Pente-Fino....	Pinheiro Machado.
LXIV.....	Situação deploravel em que ficou o Rio Grande.
LXV, LXVI.....	Vislubres e promessas de realizações democraticas, e enthusiasmos e decepções populares.
alambrados....	Leis oppressoras da Republica.
LXVII Chimango.....	? (Personagem creada por Amaro Juvenal).
LXVIII ordem e progresso.....	Lemma positivista; aversão ás liberdades publicas.
LXIX.... E'o matungo do andar da gurizada.....	Refere se á inveterada pratica de nomearem-se, para os cargos administrativos e electivos do interior do Estado, neóphytos em politica, recém saídos das ecolas superiores do mesmo Estado, ou das de outros que vêm buscando adhesão incondicional ao governo.
LXX, LXXI, LXXII...	Tolerancias do Chimango a esta ordem de cousas, de que é creador e sustentaculo.
Mestre-Escola.....	Augusto Comte.
LXXIV, V, VI, VII, VIII, IX...	Referem-se ás familias tradicionalmente federalistas, cujos filhos vão cultivando com orgulho as opiniões e os odios paternos e perpetuando a velha opposição até victoria final.
CXXXI? LXXXII? LXXXIII, LXXXIV	Assis Brasil.
compositor.....	por ser criador de cavallos de carreira.
LXXXV.....	Educação civica dos rio-grandenses.
LXXXVI, LXXXVII, LXXXVIII...	Pinto da Rocha e sua campanha jornalistica pela "Gazeta do Commercio", em favor da cruzada democratica (1908).

Estrophes	*Explicações*
LXXXIX.....	As eleições de 1908 em que foi candidato Fernando Abbott.
XC..... Generalito....	Raphael Cabeda com os Federalistas que deram a maior parte dos votos ao candidato democrata.
XCI, XCII.... Desbocado....	Fernando Abbott.
XCIII, IV, V, VI, VII, VIII	Incidentes e episodios da eleição.
CI.....	Assis Brasil se recolhe ao silencio alguns annos.
CII.....	Campanha eleitoral libertadora de 1922.
CIII, IV, V, VI.....	Eleição de Novembre de 1922.
CVII, CVIII.....	Emposse governamental da entidade fantastica — Antonio Chimango — e indignação geral. Usurpação pelo Chimango.
CIX.....	A revolta da Serrà com Menna Barreto e Portinho á frente para crear o irremediavel: a revolução em todo o Estado.
CX.....	Os generaes da Revolução Libertadora de 1923: Fellippe Portinho, Honorio Lemes, Zeca Netto Estacio Azambuja.
CXI, CXII.....	A dictadura andou prestes a cair.
CXII Milico.....	Ministro da Guerra.
Rolinha.....	? (Personagem creada pela facécia do povo brasileiro).
CXIV, CXV....	Armisficio e suas obrigações.
CXVI, CXVII.....	Reunião politica, em Bagé, para a paz, e acôrdo para resolver a questão da maioria dos suffragios por eleição que se realizaría sob os auspicios e garantia do Governo Federal.
CXVIII.....	Victoria da Revolução Libertadora quanto aos principios.
Garras	Constituição de 14 de Julho, que foi, em parte, reformada pelo dictador, a exigencias da Revolução.
Outros meios terá de o tratar mal....	Refere-se á costumada má fé do Chimango.

ÍNDICE

ÍNDICE

Pág.

Prefacio da 1.ª edição 3
Prefacio da 2.ª edição 9

VISÕES DO CAMPO

O Gaúcho 17
O Retirante 18
Meus Pagos 20
A Diligencia 21
A Comitiva 22
A Chinoca 23
A Tapera 24
O Veterano 26
O Trovador do Pampa 27
Passo a Passo 29
Os Mestres da Peleia 31
O Pampeiro 32
O Fogo Sagrado 33
O Rei do Pago 35
Arte Gaúcha 37
O Tropeiro 38
O Meu Emblema 40
Amor e Adoração 42
É Mysterio 44
O Ombú 46
O Palla 49
A Figueira do matto 55

Pág.

CHIMANGADAS

Mal Comparando (poema historico gaùchesco). 61
Cartas de um Revolucionario 95
1.ª Carta. Aceguá, Abril de 1923 95
2.ª Carta. Candiota, Junho de 1923 99
3.ª Carta. Caçapava, Julho de 1923 105
4.ª Carta. S. Sepé, Agosto de 1923 112
5.ª Carta. Lavras, Septembro de 1923 118

TROVAS

Nostalgias 132
As Guritas 136
Ternuras de um Guasca 138
Numa Roda de Tyranna 141
Por Gratidão 144
Minha Tropilha de todos os Pêlos 147
As Estradas 154
O Bicharêdo 156
Jardim de Amor 159
Versos em Penca 163
Nas Carreiras 171
Canção da Taba 177
Interpretação do poema. — Mál comparando... 181

BINDING SECT. MAR 3

PQ
9697
P47G3
1920

Piá do Sul
Gaùchadas e gaùchismos
2. ed., accrescida

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 01 06 08 016 4